

Orientação

RESUMO

A escola é caracterizada pelo elevado grau de heterogeneidade sociocultural, aonde encontramos motivações, interesses e capacidades de aprendizagem dos alunos muito diferenciados. Com o alargamento da escolaridade obrigatória surge um novo problema no sistema de ensino português, que alternativas oferecer aqueles alunos que não conseguem obter sucesso no ensino regular. São diversos os percursos alternativos que vão sendo propostos passando pelos cursos profissionais, cursos de educação e formação e mais recentemente pelos cursos vocacionais. Estes surgem no nosso sistema de ensino como uma alternativa ao ensino regular e tendo como objetivo desenvolver capacidades práticas nos alunos permitindo que por um lado concluam o seu percurso escolar e por outro adquiram capacidades práticas em determinadas áreas o que facilitará a sua entrada no mercado de trabalho.

Este estudo teve como principal objetivo determinar se os Cursos Vocacionais estão a cumprir o propósito para o qual foram criados. Foi desenvolvido num agrupamento de escolas do concelho de Matosinhos, tendo sido inquiridos professores e alunos dos cursos vocacionais. Para obter uma maior dimensão da realidade deste Agrupamento no que concerne aos cursos Vocacionais, realizamos entrevistas com o seu Diretor, a psicóloga responsável pela seleção e a Diretora do Curso Vocacional.

Os resultados por nós obtidos demonstram alguma insatisfação dos inquiridos relativamente à organização, funcionamento e propósito deste curso.

Tentamos por isso elaborar um Plano de Ação que colmatasse as falhas relatadas pelos inquiridos e conduzisse os alunos ao sucesso escolar.

Palavras-chave: Sucesso escolar, percursos alternativos, Cursos Vocacionais

ABSTRAT

School is characterized by a high sociocultural heterogeneity where completely different motivations, interests and students' learning skills can be found. Due to the widening of compulsory education, a new problem in the Portuguese teaching system emerges: which alternatives can students who are not successful in the regular system be given? The alternative courses they are offered are varied, starting with professional courses, education and formation courses and most recently vocational courses. These appear in our education system as an alternative to the regular education, having as main objective the development of practical skills in the students allowing them on the one hand to conclude their studies and on the other to acquire practical skills in certain areas which will facilitate their entrance in the world of work.

The main objective of this study was to determine if the Vocational Courses are fulfilling the purpose for which they were created. It was developed in a school cluster in the municipality of Matosinhos where teachers and students from the vocational courses were enquired. In order to have a greater dimension of the reality of this cluster, in what vocational courses are concerned, we interviewed its headmaster, the psychologist responsible for the selection of students and the head teacher of the Vocational Course.

The results demonstrated a certain amount of dissatisfaction in what concerns organization, running and purpose of this course.

Therefore we tried to create an Action Plan that could reduce the faults mentioned by the interviewed and would lead the students to success.

Keywords: School Success, Alternative courses, Vocational Courses

Índice

Introdução	11
1. Problema e Objetivos do projeto	11
1.1. Problema.....	11
1.2. Objetivos gerais	12
1.2.1. Objetivos relacionados com o conhecimento da realidade	12
1.2.2. Objetivos relacionados com a transformação da realidade	13
1.3. Objetivos Específicos	13
2. Enquadramento Teórico-legal	14
2.1. Insucesso Escolar/Insucesso do Sistema	14
2.2. Insucesso Escolar- Definição	14
2.3. Teorias Explicativas do Insucesso Escolar	17
2.3.1. Teoria dos “dons”(dotes) individuais ou meritocrática	18
2.3.2. Teoria do <i>handicap</i> sociocultural.....	18
2.3.3. Teoria Socioinstitucional.....	19
2.4. Causas do Insucesso Escolar	20
2.4.1. Causas Familiares.....	21
2.4.2. Causas Sociais e Escolares	23
2.4.3. Causas Pessoais.....	23
2.5. Insucesso Escolar em Portugal.....	24
2.6. Percursos Alternativos como Resposta para o Insucesso Escolar	25
2.6.1. Contextualização Histórico-legal das Reformas no Sistema Educativo ..	27

2.6.2. Cursos de Educação e Formação (CEF) vs. Cursos Vocacionais (CV)	34
3. Opções Metodológicas	41
3.1. Investigação Qualitativa – Estudo de Caso	41
3.2. Contexto, Caracterização da Amostra e Público-alvo	43
3.3. Técnicas de Recolha de Informação	45
3.3.1. Inquérito por questionário	45
3.3.2. Inquérito por Entrevista	46
4. Investigação Empírica	48
4.1. Apresentação e Análise dos Resultados	48
4.1.1. Inquéritos por Questionário	48
4.1.1.1 Alunos	48
4.1.1.2 Professores	56
4.1.2. Inquéritos por Entrevista	63
4.2. Síntese Global	67
5. Plano de Ação	69
-Bibliografia	
- Apêndices	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Taxa de retenção e desistência (%) nos diferentes ciclos e níveis de ensino em Portugal e no continente (2011/2015). (fonte: DGEEC,2016).

Tabela 2 – Principais diferenças entre os Cursos Vocacionais (CV) e os Cursos de Educação e Formação (CEF)

Tabela 3 – Comparação entre o número de horas nas diferentes componentes dos cursos de educação e formação (CEF) tipo2 e dos Cursos Vocacionais (CV) (tipo2).

Tabela 4 - Matriz do curso vocacional de Cozinha, Restauração e Bar

Tabela 5 – A -Distribuição da carga horária – 1º ano; B- Distribuição da carga horária – 2º ano

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de reprovações a que os alunos foram sujeitos

Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos alunos à data do início do curso

Gráfico 3 – Razões de escolha de um Curso Vocacional

Gráfico 4 – Caracterização dos professores de um Curso Vocacional (perspetiva dos alunos).

Gráfico 5 – Modalidade de avaliação privilegiada no Curso Vocacional (perspetiva dos alunos).

Gráfico 6 – Reconhecimento dos cursos Vocacionais (CV) no mercado de trabalho (perspetiva dos alunos)

Gráfico 7 – Relacionamento Professor/aluno

Gráfico 8 – Métodos e técnicas mais utilizadas pelos docentes dos Cursos vocacionais.

Gráfico 9 – Tipo de avaliação realizada

Gráfico 10 – Valorização da Escola

ABREVIATURAS

AE/E – Agrupamento de escolas ou escola não agrupada

CV – Curso Vocacional

CEF – Curso de Educação e Formação

*O **insucesso** é apenas uma oportunidade para
recomeçar de novo com mais inteligência.
- Henry Ford*

INTRODUÇÃO

1. PROBLEMA E OBJETIVOS DO PROJETO

Em análise da evolução das iniciativas educativas, verifica-se uma maior preocupação com a escolarização da população, pelo que é importante questionarmo-nos que alternativas curriculares são oferecidas a alunos que manifestam insucesso repetido ao longo do seu percurso escolar.

1.1. PROBLEMA

Com a atual política educativa, é exigido aos alunos um conjunto de conhecimentos que nem sempre são os mais adequados à satisfação das suas necessidades, levando a que estes apresentem bastantes dificuldades, que os impedem de obter o sucesso desejado nas suas aprendizagens.

Os cursos vocacionais surgem como uma alternativa ao percurso escolar regular, visando a inclusão de todos os alunos. Pretendem assim, que os alunos possam adquirir/desenvolver capacidades práticas que tornem mais fácil a sua entrada no mercado de trabalho. Note-se, no entanto, que realizadas as provas de final de ciclo e se assim o desejar, o aluno pode regressar ao ensino regular e continuar o seu percurso académico.

Mas será que esta alternativa está a conseguir cumprir o propósito para a qual foi criada? Se não for o caso, quais os motivos para este fenómeno? Será

que poderiam ser aplicadas modificações a este modelo educativo, para o tornar mais eficiente? Será que os cursos vocacionais ajudam a colmatar o insucesso escolar ou apenas o atenuam?

1.2.OBJETIVOS GERAIS

1.2.1.Objetivos relacionados com o conhecimento da realidade

- Conhecer as diferentes alternativas existentes para alunos que apresentem insucesso escolar;
- Comparar a evolução das alternativas para o insucesso desde a publicação inicial da Lei de Bases do Sistema Educativo;
- Conhecer as representações dos alunos e docentes dos cursos vocacionais;
- Caracterizar diferentes possibilidades de matrizes dos cursos vocacionais que poderão ser lecionadas.

1.2.2.Objetivos relacionados com a transformação da realidade

- Apresentar propostas de ação que contribuam para o sucesso dos alunos com dificuldades de adaptação ao ensino regular.
- Criar matrizes mais abrangentes, dos cursos vocacionais, de forma a ir ao encontro das necessidades dos alunos e das empresas;
- Apresentar propostas de encaminhamento de alunos para diferentes atividades vocacionais, tendo em conta o perfil dos mesmos.

1.3.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer os procedimentos adotados com os alunos, do agrupamento, que apresentam retenções sucessivas, ao longo do seu percurso escolar;
- Conhecer a forma como é realizado o encaminhamento dos alunos, do agrupamento, para o ensino vocacional;
- Conhecer os fundamentos utilizados para a escolha das diferentes áreas vocacionais;
- Conhecer os pontos fortes e fracos que, os professores e alunos, reconhecem nos Cursos Vocacionais;
- Conhecer o grau de satisfação dos alunos e professores, que se encontram a frequentar e a lecionar nos Cursos Vocacionais;

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-LEGAL

2.1. INSUCESSO ESCOLAR/INSUCESSO DO SISTEMA

A Escola ocupa atualmente um espaço social de grande importância porque proporciona aos seus alunos a aquisição não só de conteúdos formais, mas também lhes confere um conjunto de aprendizagens de grande significado (Miguel, Rijo, & Lima, 2012). Funciona assim como promotora do desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. Não obstante, a Escola convive diariamente com o fracasso que se traduz no insucesso dos seus alunos e, em última instância, no abandono do sistema de ensino.

2.2. INSUCESSO ESCOLAR- DEFINIÇÃO

O insucesso escolar é, hoje em dia, uma realidade na nossa sociedade e uma preocupação para toda a comunidade escolar. Etimologicamente, a palavra insucesso deriva do latim *insuccesu(m)*, e significa, de acordo com o novo dicionário etimológico de Língua Portuguesa: “Malogro; mau êxito; falta de sucesso que se desejava”. Segundo Conselho Nacional de Educação (2014), o insucesso escolar pode ser entendido, como a repetência ou retenção durante um ou mais anos, ao longo do percurso escolar dos alunos.

Sendo sucesso escolar entendido como o sucesso do aluno certificado pela escola, o insucesso surge quando esta certificação escolar não é conseguida (Formosinho, Concepções de Escola Na Reforma Educativa, 1991).

Embora cada investigador possa utilizar diferentes indicadores de sucesso/insucesso, as retenções e os abandonos podem ser considerados como expoentes máximos de insucesso na escola (Rosa, 2013).

Para Pinto (1995) o insucesso escolar é um fenómeno visível através do atraso que um aluno tem relativamente à idade esperada para naquele nível de ensino.

Ao longo do tempo o insucesso escolar deixou de ser encarado como um problema isolado, da responsabilidade do aluno, mas sim como um fenómeno social que atinge proporções cada vez mais significativas. Trata-se de um fenómeno com um carácter massivo, constante, precoce, seletivo e cumulativo, nos vários níveis de ensino (Benavente, 1990). Segundo Miranda (2010), referindo-se a Rovira (2004), o insucesso escolar pode ser entendido como o resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado e nenhum deles atuando isoladamente o conseguiria provocar.

O Relatório Técnico Retenção Escolar nos Ensino Básico e Secundário, do Conselho Nacional de Educação (2015, p. 8), referindo Martins e Parchão (2000), define dois tipos de Insucesso Escolar: “quando os alunos não atingem as metas (fim dos ciclos) dentro dos limites temporais estabelecidos”, e outro referente à inadequação entre os conteúdos escolares, as aspirações dos estudantes e as necessidades da sociedade, em particular do mercado de emprego e tecnológico. No mesmo relatório, é ainda citada uma definição de Justino et al., que refere que o insucesso pode ser entendido como a repetência/retenção durante um ou mais anos ao longo do percurso escolar

do aluno. O referido autor afirma ainda que a acumulação de retenções pode funcionar como incentivo para o abandono escolar a curto ou a longo prazo, ou seja, “o abandono tanto pode ser o resultado do insucesso, como este poderá ser o resultado de uma decisão antecipada de um abandono futuro” (Justino *et al.*, 2014, p.37).

Azevedo (2014) referindo-se ao (in)sucesso dos alunos afirma a grande complexidade social e política do conceito uma vez que envolve as políticas educativas de cada país, o enquadramento social dos alunos (famílias), as características do próprio aluno entre outras. A figura 1 que se segue sintetiza os diferentes elementos que podem influenciar o (in)sucesso escolar.

SISTEMA DE ENSINO			
DIMENSÕES DO (IN)SUCESSO ESCOLAR			
Individual	Pedagógico/didático	Comunidade, Família e Local	Institucional
Dados psicológicos, meio cultural e familiar, desempenho escolar do aluno, aspirações pessoais, rede de relações, comportamento, atitude face à escola	Gestão da sala de aula, relação professor/aluno, organização curricular, metodologia de ensino e aprendizagem dominante, organização das turmas e práticas de avaliação	Envolvimento da comunidade local na educação, composição étnica da população e nível de escolaridade, nível de vida, articulação escolas/centro de formação, política educativa local	Clima da escola, foco académico, oferta educativa /projeto educativo, funcionamento interno da escola,

Figura 1 - Dimensões do (in)sucesso escolar (adaptado de Azevedo, 2014)

2.3. TEORIAS EXPLICATIVAS DO INSUCESSO ESCOLAR

Ao longo do tempo foram surgindo diferentes teorias explicativas do insucesso escolar. Como refere Benavente (1990) até final dos anos 60, a teoria dos “dons” explicava o sucesso/insucesso escolar através das diferentes aptidões naturais apresentadas pelos alunos. A partir dos anos 60 e até os anos 70, ganha força a teoria do handicap sociocultural, onde o sucesso/insucesso dos alunos era explicado por fatores de cariz sociológico, ou seja, era a diferença cultural dos alunos à entrada para a escola que determinava o seu sucesso/insucesso. Após o início dos anos 70, surge a teoria socioinstitucional, a qual destaca o papel institucional na compreensão do insucesso do aluno. O insucesso do aluno surge assim como “resultado duma relação quotidiana entre as práticas escolares e os alunos das culturas não letradas” (Benavente, 1990, p. 717). Numa visão geral das três teorias, podemos afirmar que numa fase inicial as causas do insucesso escolar residiam apenas no aluno, numa fase posterior as causas do insucesso escolar centraram-se na família do estudante, bem como do seu meio sociocultural de origem e, finalmente, na resposta dada pela escola, ou seja, problemas que advêm da instituição escolar (Martins L. , 2007).

2.3.1. Teoria dos “dons” (dotes) individuais ou meritocrática

Até meados dos anos 60, a Escola era vista como uma instituição que permitia aos alunos mostrarem as suas capacidades e adquirirem os valores e regras estabelecidas pela sociedade. Associado ao aumento da escolaridade obrigatória, a escola passa a ser vista como um portal de acesso a igualdade de oportunidades (Martinho, 2007). Assim, seriam as capacidades inatas de cada aluno que determinariam o seu sucesso/insucesso, ou seja, a sua menor ou maior capacidade intelectual, independentemente da sua origem social (Martinho, 2007). O insucesso escolar é uma consequência da falta de determinadas capacidades, de origem psicossomática ou de origem intelectual, inatas ao aluno (Pires, Fernandes, & Formosinho, 2001).

As diferenças ao nível intelectual entre os alunos são determinadas por “deficits” a nível psicológico, físico e comportamental (Benavente, 1990).

“A visão do indivíduo tal como é apresentada pela «teoria dos dotes» ao vincular a ideia de criança dotada ou não dotada, perdeu, hoje em dia, todo o seu crédito entre a comunidade científica, embora ainda permaneça bem viva em certas mentalidades” (Sil, 2004, p. 22).

2.3.2. Teoria do *handicap* sociocultural

No final dos anos sessenta e início dos anos setenta, os estudos começaram a centrar-se nas causas do insucesso escolar de ordem sociológica, e não apenas nas características individuais do aluno, surgindo

assim a teoria do *handicap* sociocultural (Sil, 2004) que apesar de quebrar com paradigmas de cariz genéticos e psicológicos do insucesso escolar, preconiza a conceção de que o aluno e a sua família são os principais responsáveis pelo insucesso escolar.

Segundo esta teoria o insucesso escolar aparece associado à origem cultural do aluno, ou seja, à sua base cultural quando inicia a escola, partindo do princípio que os alunos provenientes de meios carenciados/desfavorecidos não possuem a cultural inicial necessária ao sucesso (Sil, 2004). Apesar desta teoria reduzir a responsabilidade do aluno no insucesso continuava a “transmitir a ideia de que seria, para este, um fenómeno inevitável e que à semelhança dos da teoria dos dotes, um indivíduo proveniente de um meio socioeconómico desfavorecido nada (ou pouco) podia fazer para contrariar a situação” (Rosa, 2013, p. 17).

2.3.3. Teoria Socioinstitucional

A partir dos anos 70, tendo em linha de conta que o insucesso escolar é um fenómeno que ultrapassa as relações da escola com o meio, começam a surgir linhas de pensamento centradas no funcionamento e práticas da própria escola (Benavente, 1990). Nesta linha, a teoria socioinstitucional já contemplava a família, o meio social, a escola e as interações entre estes na replicação ou combate do insucesso (Machado, 2007).

Benavente (1990, p. 717) afirma que “ultrapassando algum fatalismo presente na teoria do *handicap* sociocultural, investe-se na transformação da própria escola, nas suas estruturas, conteúdos e práticas, procurando

«adaptá-la» às necessidades dos diversos públicos que a frequentam, elucidando subtis mecanismos de reprodução de diferença e procurando caminhos de facilitação das aprendizagens para todos os alunos”.

Segundo Sil (2004), a escola apresenta assim um papel ativo na prevenção do insucesso devendo ser alvo de análise uma série de aspetos que vão desde a avaliação dos alunos, a colocação dos professores ou a abertura da escola à comunidade, entre outros, até às políticas educativas.

2.4. CAUSAS DO INSUCESSO ESCOLAR

Frequentemente, o insucesso escolar é analisado como reflexo de disfuncionamento ao nível do aluno, da família, dos programas ou do professor (Roazzi & Almeida, 1988).

De acordo com Pires (1988), citado por Martins e Cabrita (1993, p. 12) “o fenómeno do insucesso escolar massivo existente inicia-se com o ensino de massas e intensifica-se com a massificação do ensino”. O insucesso escolar pode ser examinado por diferentes ângulos e representa para os professores a carência de capacidade, de motivação, ou de pré-requisitos dos alunos ou limitações das estruturas educativas, sociais e/ou familiares.

Existem variadíssimos fatores que influenciam o sucesso na aprendizagem dos alunos. Estes podem ser fatores sociais (Formosinho, 1987), fatores relacionados com as dinâmicas internas das escolas e com as políticas educativas (Roazzi & Almeida, 1988) ou ainda fatores relacionados com variáveis pessoais e familiares dos alunos.

2.4.1.Causas Familiares

Barroso (2010), citando Araújo (1987), refere que a probabilidade de sucesso do aluno é maior quando na família se encontram as percepções, orientações, disposições, valores e hábitos culturais valorizados pela escola, ou seja, quando o “capital cultural” das suas famílias é mais próximo do valorizado pela escola.

O conceito de “capital cultural” foi introduzido por Bourdieu (1979), como diferenciador de classes e subclasses sociais, estas que se têm tornado cada vez mais evidentes nos últimos tempos. Deste modo, o capital cultural engloba aspetos como gostos, costumes, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. que tornam evidentes as disparidades entre classes ou subclasses (Mendes & Seixas, 2003).

O mesmo autor acusa a escola, enquanto instituição, de ser reprodutora destas mesmas desigualdades, uma vez que o ensino se encontra estandardizado, o que o torna mais acessível para classes sociais cujo capital social se aproxima do lecionado. Deste modo, a classe trabalhadora acaba por se conformar e aceitar o seu lugar na pirâmide das classes sociais (Mendes & Seixas, 2003).

De acordo Cherkaoui (1986) e citado por Martins e Cabrita (1993, p. 13) “todos os trabalhos empíricos realizados, em Portugal ou em outros países, apontam a existência de uma correlação positiva entre a origem social dos alunos e o seu (in)sucesso escolar”. Segundo Martins e Cabrita (1993) os grupos étnicos apresentam as maiores taxas de insucesso, seguindo-se por ordem de crescente de taxas de insucesso os filhos dos trabalhadores agrícolas, operários, empregados dos serviços, patrões, quadros médios e, por

último, os filhos dos quadros superiores e profissões liberais. Há variações de acordo com a tipologia criada, mas invariavelmente a tendência é esta.

Sheldon e Hopkins (2002) e Mapp (2002), citados por Andrade e Chechia (2005), descrevem a importância do envolvimento dos pais nas questões escolares e reconhecem-nos enquanto atores sociais com determinadas redes sociais que podem influenciar a educação dos filhos. Afirmam ainda que as concepções sociais e ou pedagógicas dos pais podem funcionar como um recurso proveitoso para escola e professores na educação dos seus alunos. Portanto, a escola e os pais devem funcionar como parceiros na educação escolar dos filhos (Andrade & Chechia, 2005). Dentre vários aspetos da dinâmica do sucesso, é necessária uma interação dos pais com o quotidiano escolar, incluindo a relação pais-professores, de modo a que ocorra uma colaboração da família com o sistema de ensino. Para esses autores, os pais de classe desfavorecida aceitam com resignação o insucesso escolar dos filhos. Contrariamente a estes, os pais de classe mais favorecida, tendem a responsabilizar os filhos pelo seu insucesso.

De acordo com o estudo realizado por Mascarenhas, Almeida e Barca (2005), verificou-se que alguns alunos cujos pais possuem menos habilitações escolares tendem a atribuir os seus fracos resultados escolares à falta de capacidade, o que já não ocorre junto dos demais alunos cujos pais possuem habilitações escolares ao nível do ensino secundário e do ensino superior.

2.4.2.Causas Sociais e Escolares

As dificuldades de aprendizagem são alvo de estudo de várias áreas. Almeida et al. (2005) citando Garcia et al (1998), Ribeiro, (2000) e Ribeiro et al (1999), refere a existência de estudos sociológicos que salientam os padrões culturais, a linguagem e o próprio processo de socialização das crianças no seio da família e da comunidade de pertença, assim como o grau em que se aproximam ou se afastam das práticas e dos padrões exigidos e estimulados pela escola.

Existem fatores associados ao professor que Almeida et al. (2005, p. 3632) baseando-se em trabalhos anteriores (Almeida & Roazzi, 1988; Benavente, 1990) identifica como tendo impacto nas aprendizagens dos alunos. Dentro destes, temos as dificuldades na comunicação e no relacionamento interpessoal por parte do professor, dificuldades na organização das tarefas na sala de aula, ou problemas na gestão da disciplina da turma.

Roazzi & Almeida (1988) referem que embora o professor tenha um papel preponderante no sucesso do aluno não pode ser responsabilizado de forma isolada quando surge o insucesso.

2.4.3.Causas Pessoais

Santos (2009) refere que os comportamentos dos alunos podem influenciar o seu sucesso escolar sendo ainda necessário ter em conta as suas capacidades cognitivas e raciocínio lógico. Não obstante estes não constituem

os únicos fatores a influenciar o seu desempenho escolar. O mesmo autor, referindo Avanzini (1967), afirma que algumas crianças manifestam desinteresse pelas atividades escolares não apresentando sequer expectativas de futuro.

Rosa (2013) referindo-se a Marchesi (2006), refere ainda a capacidade ou preferência que cada aluno tem para determinadas áreas em detrimento de outras. Tal facto leva a que muitos alunos apresentem diferentes motivações e empenho nas suas aprendizagens.

2.5.INSUCESSO ESCOLAR EM PORTUGAL

O fenómeno do insucesso escolar em Portugal alimenta vários debates discussões e investigações.

Segundo a publicação da Direção-geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) de 2016, podemos verificar que no ano letivo 2014/2015 as taxas de retenção e desistência apresentaram uma diminuição em todos os níveis de ensino (tabela 1).

	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015
Ensino básico	9.7	10.4	10.0	7.9
1º ciclo	4.4	4.9	5.0	4.1
2º ciclo	11.2	12.5	11.4	8.6
3º ciclo	15.6	15.9	15.1	12.3
Ensino Secundário	20.1	19.0	18.5	16.6

Tabela 1 - Taxa de retenção e desistência (%) nos diferentes ciclos e níveis de ensino em Portugal e no continente (2011/2015). (fonte: DGEEC,2016).

Uma análise global dos dados da tabela 1, mostra que, embora se assista a uma diminuição da taxa no ano letivo de 2014/2015, existe uma tendência para a estabilização. Embora os números apresentados demonstrem melhorias nas taxas de retenção e desistência existe ainda muito trabalho a realizar no combate ao insucesso e abandono escolar.

2.6. PERCURSOS ALTERNATIVOS COMO RESPOSTA PARA O INSUCESSO ESCOLAR

A nossa sociedade é uma sociedade em constante transformação. Enfrenta inúmeros desafios, quer a nível interno, quer externo e, como tal, é necessário

que a escola seja um elemento integrador, devendo promover o sucesso, evitando a todo custo que os jovens abandonem o sistema educativo.

A escola, como organização, propõe-se formar cidadãos aptos para a vida na sociedade atual. Sempre que a sociedade muda, a escola tende a adaptar-se às novas transformações. É importante que a escola seja uma organização flexível e adaptativa moldando-se ao meio que a rodeia.

Nestes últimos anos, a aplicação de políticas educativas na tentativa de solucionar o problema do insucesso escolar e abandono escolar não se têm revelado eficazes, pois continuamos a ter taxas de insucesso elevadas, bem como jovens a abandonar o sistema de ensino. No entanto, e apesar destes esforços, continuamos a ter dois tipos de situações dentro das nossas escolas. A primeira situação refere-se a jovens que, embora estando dentro da escolaridade obrigatória, saem da escola à margem da lei. A segunda situação, onde os jovens vão acumulando repetências sucessivas, até à altura de atingirem a idade limite para permanecer na escola e assim abandonarem o sistema.

Assistimos a jovens a abandonar a escola, sem a conclusão da escolaridade obrigatória e sem qualquer tipo de qualificação, quer académica, quer profissional, na ilusão de que é fácil ingressar no mercado do trabalho.

Estes indivíduos, em virtude da sua qualificação ser muito reduzida apenas conseguem trabalho precário e mal remunerado ou ficam confinados a uma situação de desemprego. Acabam por isso, na maioria das vezes, por cair nas malhas da marginalização, autoexcluindo-se socialmente.

2.6.1.Contextualização Histórico-legal das Reformas no Sistema Educativo

Ao longo dos tempos, assistimos a várias reformas educativas que contemplaram várias experiências que revelavam já uma preocupação com o insucesso escolar e a qualificação profissional dos jovens. A partir de 1986, data da aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) são já identificadas várias estratégias de compensação pedagógica, nomeadamente apoios e complementos educativos a alunos com necessidades escolares específicas (artigo 25º), apoio psicológico e orientação escolar e profissional (artigo 26º), ação social escolar (artigo 27º), apoio de saúde escolar (artigo 28º) e até mesmo o apoio a trabalhadores-estudantes (artigo 29º). Estas medidas que constam do capítulo III da referida legislação têm como objetivo “contribuir para a igualdade de oportunidades e de acesso e de sucesso escolar” (artigo 24º).

A Lei de Bases do Sistema Educativo define o ensino básico como universal e obrigatório, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares. A mesma lei define, ainda, como primeiro objetivo do ensino básico “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilização estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social” (alínea a) do Artigo 7º da Lei de Bases do Sistema Educativo).

A escola é caracterizada pelo elevado grau de heterogeneidade sociocultural, aonde encontramos motivações, interesses e capacidades de aprendizagem dos alunos muito diferenciados, os estabelecimentos de ensino deverão ter condições para o desenvolvimento de pedagogias diferenciadas, adequando a estratégia pedagógica às necessidades de cada aluno ou grupo de alunos, procurando, desse modo, equilibrar as diferenças através da diversificação das ofertas educativas e de formação.

Para dar resposta à heterogeneidade vivida nas escolas, tornou-se necessário flexibilizar os currículos, diversificar e adequar estratégias, materiais e espaço educativos de forma a promover a possibilidade de sucesso na aprendizagem a todas as crianças e facilitar o seu desenvolvimento, enquanto pessoas capazes de intervir de forma responsável e informada na sociedade de que fazem parte (Sanches, 1996).

Ao longo dos últimos anos, os sucessivos governos constitucionais decidiram criar programas de apoio e de combate ao insucesso e abandono escolar.

Em 1987, foi criado o Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo (PIPSE), através da Resolução do Conselho de Ministros de 10 de dezembro de 19787. Este programa foi criado com o objetivo de combater o insucesso escolar principalmente em zonas rurais e em meios socioculturais desfavorecidos, procurando igualmente minorar, para além das condições sociais deficitárias, as deficiências físicas e psíquicas de alguns alunos (Brandão, 2015). A publicação, em 1988, da Portaria n.º 243/88, de 19 de abril, veio permitir à então Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa autorizar, no âmbito do ensino recorrente, a criação de “currículos alternativos” para “grupos específicos de população”.

Em 1991, surge o Programa de Educação Para Todos (PEPT), que veio substituir o PIPSE. Este programa pretendia acelerar a universalização do acesso à escolaridade básica de nove anos, fortalecer os meios de ação incidindo numa política de igualdade de oportunidades no ensino básico e num acesso generalizado ao ensino secundário. Inserido neste programa foi criado posteriormente o Observatório da Qualidade da Escola, que pretendia avaliar a qualidade da educação acompanhando a progressão e a evolução dos resultados escolares dos alunos (Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/91, publicada no Diário da República n.º 182 - 1ª Série B, de 09/08/91). No mesmo ano, são criados os Serviços de Psicologia e Orientação com vista à realização de ações de apoio psicológico e de orientação escolar e profissional (Decreto Lei n.º 190/91, de 17 de maio de 1991).

Segundo Santos (2013), em 1993, foi implementado o Sistema de Incentivo À Qualidade da Educação (Despacho nº113/ME/93 de 23-6) e, em 1996, foram criados os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) que partem da assunção da discriminação positiva, visando uma integração social e educativa de crianças de meios desfavorecidos. Os TEIP têm como objetivo criar meios e apoios para combater as desigualdades e apelam à ligação da escola com a comunidade e à criação de parcerias (Despacho 147-B/ME/96, de 1 de agosto).

O despacho número 22/SEEI de 1996 regulamenta as turmas de Percurso Curricular Alternativo, destinado a um grupo específico de alunos do ensino básico que se encontrem em situação de insucesso escolar repetido; problemas de integração na comunidade escolar; risco de abandono da escolaridade básica e ou dificuldades condicionantes da aprendizagem. Este modelo é organizado tendo em conta as condições em que ingressam os

alunos e o número de horas de formação necessárias para a obtenção dos objetivos essenciais definidos para o ciclo do ensino básico em que estão integrados. A estrutura curricular para cada ciclo de ensino tem como referência os planos curriculares do ensino regular e do ensino recorrente, introduzindo eventualmente novas áreas disciplinares adequadas às condições e necessidades de cada grupo de alunos (Santos M. , 2013).

À formação escolar é acrescida uma formação artística, vocacional, pré-profissional ou profissional, consoante se considere pedagogicamente aconselhável, que permita uma primeira abordagem no domínio de artes e ofícios, das técnicas, ou ainda a clarificação da experiência e dos conhecimentos que o aluno possua (Santos M. , 2013).

Atendendo à especificidade do público-alvo dos currículos alternativos e à necessidade de promover um processo de aprendizagem mais individualizado, a constituição de turmas não deverá exceder 15 alunos.

O programa de Percurso Curricular Alternativo é concebido com base na caracterização do grupo de alunos que o vai frequentar, no diagnóstico das metas a desenvolver para o cumprimento do ciclo de escolaridade do ensino básico e nas habilitações de ingresso. A estrutura curricular deve ter como referência os planos curriculares constantes do Decreto-lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro de 2001, com as alterações introduzidas pelo Decreto-lei n.º 209/2002, de 17 de outubro de 2002. Esta matriz curricular deve assegurar a aquisição de conhecimentos e metas essenciais definidas para o ciclo de ensino a que se reporta o percurso alternativo, particularmente em língua portuguesa e matemática, permitindo a permeabilidade entre percursos e a consequente transição para outras modalidades de formação, bem como o prosseguimento de estudos.

A criação de currículos alternativos aparece assim como uma via inovadora e com inúmeras potencialidades na procura de soluções alternativas ajustadas à diversidade de casos que não se enquadram quer no ensino regular quer no ensino recorrente.

No ano de 2004 foram criados os Cursos de Educação Formação (C.E.F.) como mais uma alternativa que a escola tinha para adaptar-se à realidade atual, tentando responder aos diversos públicos-alvo, oferecendo um leque formativo mais alargado, ainda que sem colocar em causa o currículo nacional. São exemplo do referido, os Cursos de Educação e Formação (CEF), que caracterizam-se por conciliar a vertente escolar e profissional. Os cursos de educação formação permitiam aos jovens, que já tinham 15 anos e que ainda não tinham concluído a escolaridade obrigatória, uma certificação escolar do 1º, 2º ou 3º ciclos, ao mesmo tempo que adquiriam uma qualificação profissional de nível 1 ou nível 2, que lhes possibilitava o prosseguimento de estudos de nível secundário. De facto, os CEF's permitiam que o aluno, para além da aprendizagem na escola, obtivesse competências facilitadoras da inserção no mundo do trabalho, através de um estágio ou componente de formação prática (C.F.P.) em contexto de trabalho. Neste contexto de preocupações, que a maioria dos governos dos países ditos desenvolvidos, e em particular os Europeus, partilhavam e que se prendiam com o desemprego dos jovens e a sua inadequada preparação para a entrada na vida ativa, surge o Despacho Conjunto nº 453/2004, de 27 de julho, que resultou de um trabalho conjunto entre o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho, ao nível das formações para jovens com uma dupla certificação, tendo como objetivo evitar o abandono escolar e aumentar as qualificações profissionalizantes dos jovens para o ingresso no mercado de trabalho. É da competência do Ministério da Educação, autorizar o

funcionamento dos cursos de educação e formação ministrados nos estabelecimentos de ensino da tutela do ME. Cabe às delegações regionais do I.E.F.P., autorizar os cursos promovidos por entidades acreditadas não tuteladas pelo Ministério da Educação. Estes cursos podem ser ministrados por estabelecimentos de ensino da rede oficial, por centros de formação profissional do I.E.F.P, ou por outras entidades formadoras acreditadas.

Se, como diz Frazão (2005,p. 63) “A educação/formação tem sempre uma função essencial de integração social e de desenvolvimento pessoal fomentando a coesão social”, então, poder-se-á colocar a questão, de haver uma certa contradição entre a legislação e os resultados pretendidos, pois, os cursos de Educação/Formação, de tipo I e II, poderão também, ser uma forma de exclusão/marginalização, dentro da própria escola, uma vez que estes cursos se destinam preferencialmente a jovens com insucesso ou que já abandonaram o sistema de ensino (ponto 2, do Desp.453/2004). O modelo organizativo destes cursos propõe-se privilegiar uma maior articulação entre as componentes teóricas e práticas, tentando corresponder às expectativas e interesses de muitos jovens, promovendo a sua relação com o mundo do trabalho. Note-se que para muitos dos alunos a organização escolar nada lhes diz, não tem qualquer interesse levando à desmotivação.

Os Cursos Vocacionais (CV) são outra das medidas de promoção do sucesso educativo e de combate ao abandono escolar. Criados pelo Decreto-Lei nº 176/2012, de 2 de agosto, estes cursos pretendem ajustar os interesses vocacionais e profissionais dos alunos. Visam assegurar a criação de uma oferta, no ensino básico, que privilegie tanto a aquisição de conhecimentos em disciplinas estruturantes, como o português, a matemática e o inglês, como o primeiro contato com diferentes atividades vocacionais. Estes cursos

têm uma estrutura curricular organizada por módulos e assentam no envolvimento de empresas, entidades e instituições parceiras, sediadas na área geográfica da escola, quer ao nível da oferta de momentos de prática simulada adequada à idade dos alunos, quer mesmo na contribuição para a leção de módulos da componente vocacional. Destinam-se a alunos a partir dos 13 anos de idade que manifestem constrangimentos com os estudos do ensino geral, que tenham duas retenções no mesmo ciclo ou três retenções em ciclos distintos no percurso escolar. A identificação prévia do público-alvo influencia a organização do curso, nomeadamente a sua duração e a escolha das atividades vocacionais.

O encaminhamento dos alunos faz-se após um processo de avaliação vocacional, que tem em conta fatores como a idade, o percurso escolar, os interesses, as aptidões e as características dos alunos. A orientação dos alunos para cada um destes cursos é da responsabilidade dos técnicos especializados da escola que ponderam a solução educativa mais adequada ao perfil de cada um. Os cursos têm uma duração flexível, sendo esta adaptada ao perfil de conhecimentos do conjunto de alunos que se reúne em cada curso.

A integração dos alunos em cursos vocacionais exige o acordo dos encarregados de educação.

2.6.2. Cursos de Educação e Formação (CEF) vs. Cursos Vocacionais (CV)

Como podemos observar são muitas as características comuns nos dois percursos atrás mencionados, embora algumas delas sejam distintas. Uma dessas características está nos destinatários enquanto os CEF destinam-se a alunos com idade igual ou superior a 15 anos e duas retenções, os cursos vocacionais dirigem-se a alunos a partir dos 13 anos com pelo menos uma retenção.

Outra das características que distingue os cursos vocacionais de outras ofertas é a da obrigatoriedade de existência de parcerias formalizadas em protocolos, entre a escola que promove o curso e as empresas que irão acolher os alunos, para que estes cumpram as horas previstas de Prática Simulada (no Ensino Básico).

Quanto à certificação escolar, tanto os CEF, como os cursos vocacionais conferem o equivalente ao 2º ou 3º ciclo, no caso do ensino básico. O mesmo já não podemos dizer relativamente à certificação profissional, pois os CEF conferem uma certificação profissional, enquanto os cursos vocacionais não conferem qualquer tipo de certificação profissional.

A tabela 2, sumaria as principais diferenças entre os cursos vocacionais e os CEF, entre as quais podemos observar que os CEF, independentemente da sua tipologia, englobam quatro componentes de formação: Sociocultural, Científica, Tecnológica e Prática (desenvolvida em contexto de trabalho no terreno, isto é, junto de empresas que desenvolvem atividades similares às desenvolvidas nos cursos CEF). Porém, os cursos vocacionais atuam apenas sobre três componentes de formação: Geral, Complementar, Vocacional (que

inclui, além de atividades vocacionais, a componente prática, na qual os alunos desenvolvem as competências desenvolvidas nas empresas com as quais a escola possui protocolos formalizados.

	Objetivo	Destinatários	Modo de seleção	Estrutura curricular/ total de horas efetivas		Certificação Escolar	Certificação Profissional
CEF (tipo 1, tipo 2, tipo3)	Incentivar o prosseguimento de estudos/formação e permitir a aquisição de competências profissionais.	Igual ou maiores 15anos, com habilitações inferiores ao 2º e 3º ciclo, 2 ou mais retenção e/ou risco de abandono	Centros de apoio socioeducativos (CASE) e Serviços de Psicologia e Orientação (SPO)	Por módulos	Sociocultural: 894 Científica: 288 Tecnológica:480 Pratica.210	2º ciclo do ensino básico	Nível 1 (QNQ)
					Sociocultural: 798 Científica: 333 Tecnológica:768 Pratica.210	3º ciclo do ensino básico***	Nível 2 (QNQ)
					Sociocultural: 192 Científica: 66 Tecnológica:732 Prática.210	3º ciclo do ensino básico***	Nível 2 (QNQ)

Vocac. (2º ciclo 3º ciclo)	Assegurar a criação de uma oferta no ensino básico que privilegia tanto a aquisição de conhecimentos em disciplinas estruturantes, como o primeiro contacto com diferentes atividades vocacionais.	Igual ou maiores 13anos com pelo menos uma retenção e/ou risco de abandono	Orientação vocacional por parte de psicólogo escolar	Por módulos	Geral:400 Complementar:130 Vocacional: - Atividades Vocacionais: 360 - Prática simulada:210	2º ciclo do ensino básico	Não conferem certificação profissional
					Geral: 350 Complementar: 180 Vocacional: - Atividades Vocacionais: 360 - Prática simulada: 210	3º ciclo do ensino básico	

Tabela 2 - Principais diferenças entre os Cursos Vocacionais (CV) e os Cursos de Educação e Formação (CEF).

Tendo em conta que no Agrupamento em estudo apenas existe o curso vocacional tipo 2, particularizamos a comparação deste com o equivalente dos CEF, ou seja, iremos proceder à comparação destes com o CEF tipo 2. Assim, verificamos que enquanto o CV está mais direcionado para o prosseguimento de estudos o CEF parece estar mais enquadrado para a qualificação profissional, situação já evidenciada na tabela 2, onde é possível verificar que os cursos vocacionais não conferem qualquer certificação profissional. Note-se que as componentes de formação socio cultural e científica dos CEF são organizadas tendo em conta os referenciais e orientações curriculares do Ministério da Educação e Ciência, através da Direção Geral de Formação Vocacional (DGFV) e da Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIVC). Por outro lado, nos CV as componentes geral e complementar têm como referência os programas das correspondentes disciplinas do Currículo Básico Geral ainda que possam ser adaptados às características do curso. Esta adaptação é da responsabilidade de cada escola.

Na tabela 3 é possível visualizar as cargas horárias das diferentes componentes de formação/do currículo nos dois percursos em análise.

CEF (tipo 2)	Total horas	CV (tipo 2)	Total horas
Componente Formação Socio-cultural:		Geral:	
Língua Portuguesa	192		
Língua Estrangeira	192	Português	220
Cidadania e Mundo Atual	192	Matemática	220
Tec. Inf. e Comunicação	96	Inglês	130
Hig., Saúde e Segurança	30	Ed. Física	130
Ed. Física	96		
Subtotal	798	Subtotal	700
Componente Formação Científica:		Complementar	
Matemática Aplicada		História/Geografia	
Disciplina/domínio específico(a)		C. Naturais/Físico-química	
Subtotal	333	2ª língua (a criar)	360
Componente Formação Tecnológica		Vocacional	
Unidade do itinerário de qualificação associado	768	Atividade Vocacional A	720
		Atividade Vocacional B	
		Atividade Vocacional C	
Componente Formação Prática		Prática Simulada	
Formação em Contexto de Trabalho	210	Atividade Vocacional A	140
		Atividade Vocacional B	140
		Atividade Vocacional C	140
		Subtotal	420
Total de Horas/curso	2109	Total de Horas/curso	2200

Tabela 3 – Comparação entre o número de horas nas diferentes componentes dos cursos de educação e formação (CEF) tipo2 e dos Cursos Vocacionais (CV) (tipo2).

A análise da tabela 3 mostra-nos que no cômputo geral o número de horas atribuída a cada componente de formação/do currículo pouco varia, sendo possível verificar que em ambos os percursos existe uma forte componente teórica. Particularizando para os CV este aspeto parece contrariar o espírito da lei evidenciado pelo preâmbulo ou mesmo pelo ponto 1, do artigo 3º, da Portaria nº 341/2015 de 9 de outubro,

Comparativamente no caso da componente de Formação prática e a sua equivalente prática simulada, podemos verificar que o número de horas da componente de formação prática (CEF) é cerca de metade do número de horas da prática simulada (CV).

3. OPÇÕES METODOLÓGICAS

Ao realizar um trabalho de investigação, como é o caso desta produção académica, é importante o investigador assumir uma postura de investigação, isto é, centrar a sua ação de acordo com um paradigma investigativo.

De acordo com Thomas Kuhn (1962), referido por Coutinho (2014), paradigma é o conceito que engloba o conjunto de valores e técnicas de recolha de informação, reconhecidas e partilhadas pela comunidade científica, sendo que são criados modelos que orientam a finalidade e o modo como é lavada a cabo a investigação.

Atualmente, os investigadores reconhecem três grandes paradigmas na investigação em ciências sociais e humanas: o paradigma quantitativo ou positivista, o paradigma qualitativo ou interpretativo e o paradigma sociocrítico ou hermenêutico (Coutinho, 2014).

3.1. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA – ESTUDO DE CASO

Este estudo será baseado numa investigação qualitativa/interpretativa, sendo o seu objetivo conhecer e compreender mais aprofundadamente a realidade dos cursos vocacionais no sistema de ensino.

Tendo optado por este paradigma investigativo, “quer os instrumentos quer a conduta do investigador são difíceis de formalizar num conjunto de

normas universalmente aplicáveis a todas as situações de pesquisa” (Coutinho, 2014, p. 327).

Segundo Denzin e Lincoln (1984), citado por Coutinho (2014), a investigação qualitativa utiliza uma multiplicidade de métodos, com o intuito de abordar uma problemática de forma naturalista e interpretativa, ou seja, estuda-se o problema em ambiente natural, procurando interpretar os fenômenos em termos do que eles significam para os sujeitos e utilizando uma variedade de materiais empíricos, como estudo de caso, experiência pessoal, entrevista, histórias de vida, introspecção, que descrevem rotinas e significados nas vidas dos sujeitos.

Enquanto que os paradigmas de investigação constituem o posicionamento do investigador relativamente ao trabalho que se propõe a desenvolver, Bisquerra (1989), citado por Coutinho (2004), afirma que os métodos consistem no caminho utilizado para chegar ao conhecimento científico, isto é, trata-se do conjunto de procedimentos a serem tomados.

Dentro do paradigma qualitativo, o modelo metodológico escolhido é o estudo de caso, pois o estudo de caso é um dos referenciais metodológicos com maiores potencialidades para o estudo da diversidade de problemáticas que se colocam ao cientista social (Coutinho, 2014).

O estudo de caso permite-nos um estudo detalhado e em profundidade, no seu contexto natural, de um caso concreto (ou de um pequeno número de casos), reconhecendo-se a sua complexidade e recorrendo-se para isso todos os métodos que se revelem apropriados (Coutinho, 2014).

Neste estudo de caso, haverá a necessidade de, na parte da pesquisa empírica, recolher dados de cariz quantitativo, o que leva a que este estudo de caso adote uma metodologia mista e, como tal, de acordo com Coutinho

(2014), podemos considerar que se trata de um estudo de caso misto, isto é, tanto recorre a métodos característicos do paradigma quantitativo, como do paradigma interpretativo.

A combinação de métodos quantitativos e qualitativos, na opinião de Reichardt e Cook (1979), será a melhor forma que um investigador tem para resolver um problema de pesquisa, este não tem de aderir rigidamente a um dos dois paradigmas tradicionais, podendo adotar uma combinação dos atributos de cada um deles, com recurso a métodos de cariz quantitativo e qualitativo (Coutinho, 2014).

A aplicação deste modelo metodológico será realizada, por forma a conhecer a realidade de um agrupamento escolar específico.

3.2.CONTEXTO, CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA E PÚBLICO-ALVO

O Agrupamento de Escolas pertencente ao concelho de Matosinhos, é constituído por seis estabelecimentos de ensino, sendo um dirigido para o 3ºciclo e ensino secundário; um dirigido para o 2º e 3º ciclos; três dirigidos para o ensino pré-escolar e 1º ciclo e uma escola dirigida apenas para o ensino pré-escolar. Tem sede na Escola secundária e todos os estabelecimentos de educação e ensino se situam bastante perto uns dos outros.

A população escolar é composta por cerca de 2000 alunos: 115 na educação pré-escolar (cinco grupos); 585 no 1ºciclo (25 turmas); 375 no 2º ciclo (16 turmas); 547 no 3º ciclo (22 turmas); 46 no Curso Vocacional do 3º

ciclo (duas turmas); 13 no curso de educação e formação tipo 2 (uma turma); 95 alunos nos cursos profissionais do ensino secundário (seis turmas) e 224 alunos do ensino secundário regular (10 turmas). Numa das escolas básicas com jardim-de-infância funciona uma unidade de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita com valência sensorio-motor (movimento, audição, visão, tato e gosto), com sete alunos.

Dos alunos matriculados, 1,6% são de outras nacionalidades, 62% não beneficiam de auxílios económicos no âmbito da ação social escolar e 91,5% possuem computador e internet em casa.

A educação e ensino são assegurados por cerca de 179 docentes, dos quais 91% pertencem aos quadros. A experiência profissional é significativa, pois cerca de 93,9% lecionam há dez ou mais anos. O pessoal não docente é composto por 91 elementos, dos quais 51% tem dez ou mais anos de serviço.

Deste modo, o público-alvo deste estudo pelos alunos de uma das turmas dos cursos vocacionais do 3º ciclo, os professores que lecionam ou lecionaram este tipo de percurso alternativo. Serão ainda entrevistados a psicóloga que integra a equipa pedagógica, a coordenadora de curso e o diretor do agrupamento.

3.3.TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Bisquerra (1989) defende que técnicas de recolha de informação se tratam de condutas concretas de investigação, sendo que complementam o método optado pelo investigador (Coutinho, 2014).

Deste modo, optamos por basear a investigação em duas técnicas: inquéritos por questionário e entrevista.

3.3.1.Inquérito por questionário

O inquérito por questionário constitui uma técnica de recolha de dados associada a um plano investigativo quantitativo, uma vez que a sua aplicação tem como principal objetivo a produção de conhecimento através de informação detalhada, objetiva e específica, relativamente a um determinado tópico. Para isto, é necessário que a amostra do estudo, isto é, que o publico a inquirir, seja pré-definida e, como tal intencional (Coutinho, 2014).

Algumas das críticas a esta técnica de recolha de informação centram-se no facto de esta ser bastante dispendiosa, tanto a nível monetário, como em termos de tempo.

O inquérito por questionário consome um elevado número de horas, quer no seu planeamento e elaboração, como na sua análise, uma vez que a especificidade das questões requer um trabalho metódico, por forma a conseguirmos obter a informação que pretendemos. Para que esta informação seja viável, é necessária a realização de um elevado número de

inquéritos, o que provocará o dispêndio de bastante tempo na análise da informação (Coutinho, 2014).

A nível monetário, o entrave coloca-se, na medida em que, tradicionalmente, esta técnica de recolha de dados é aplicada por forma de um formulário em papel e, como é do conhecimento geral, isso acarreta custos acrescidos (Coutinho, 2014).

Porém, consideramos que o inquérito por questionário traria vantagens para o estudo a ser levado a cabo, pois, pela sua especificidade, permite mais facilmente tomar conhecimento da visão dos docentes e dos alunos sobre os cursos vocacionais e, ainda, identificar quais, para estes, são os principais aspetos positivos e negativos inerentes a esta opção pedagógica.

3.3.2. Inquérito por Entrevista

Semelhante ao inquérito por questionário, a entrevista é uma técnica de recolha de dados através da qual a informação é obtida pela colocação de questões ao entrevistado, por parte do investigador. Contudo, está mais associada a uma investigação de tipo qualitativo, uma vez que o entrevistador inquiri direta e presencialmente o sujeito e essa interação permite um maior esclarecimento da perceção do entrevistado sobre o tema em estudo. Logo, o conhecimento produzido não se centra na quantidade das respostas obtidas, mas sim no seu conteúdo (Coutinho, 2014).

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994, p. 134), a entrevista “é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao

investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. Conforme se pode verificar no apêndice--- o tipo de entrevista por nós utilizada foi semidirigida pois pareceu-nos mais adequada já que esta permite a interação entre o entrevistado e o investigador havendo por isso a possibilidade de serem prestados esclarecimentos adicionais.

4. INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

4.1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1.1. Inquéritos por Questionário

Como já foi por referido anteriormente foi aplicado o questionário a alunos de um Curso Vocacional e aos seus professores. Para facilidade de exposição iremos apresentar os resultados para cada grupo em separado fazendo, no entanto, a sua análise comparativa.

4.1.1.1 Alunos

A – Caracterização socioeconómica

A amostra é composta por 13 rapazes e 9 raparigas que frequentam o Curso Vocacional de Desporto, Fotografia, Cozinha e Restauração, cuja média de idades é 16 anos. Relativamente ao grau de escolaridade dos seus pais, não são evidentes diferenças entre ambos (pai ou mãe), sendo que 60% possuem apenas o 1º ciclo ou 2º ciclo do EB.

Todos os respondentes têm pelo menos um dos pais empregado, desempenhando essencialmente funções no setor secundário, ligado à construção civil, à restauração ou à indústria.

B – Percurso académico dos inquiridos

Todos os alunos inquiridos foram já alvo de reprovações anteriores. O gráfico 1, mostra o número de vezes que estes alunos foram sujeitos a reprovações.

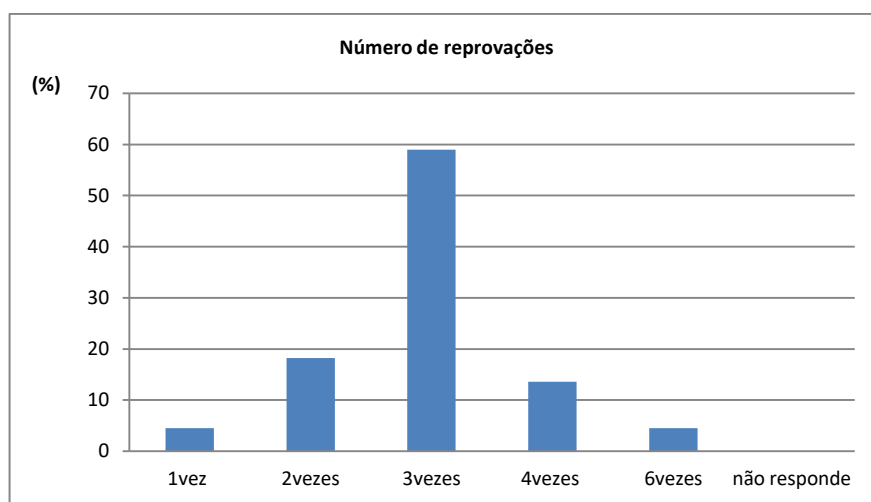


Gráfico 1 – Números de reprovações a que os alunos já foram sujeitos.

A análise do gráfico 1 mostra que mais de 75% destes alunos foram sujeitos a três ou mais reprovações. Não se verificou nenhum ciclo/ano com mais incidência de respostas ou seja as reprovações distribuem aleatoriamente por todos os anos/ciclos. Existe um aluno que refere ter apenas uma reprovação anterior que, a ser verdade, constitui uma violação ao

disposto no nº 2 do artigo 1º da Portaria n.º 292-A/2012 de 26 de setembro, que regulamenta os cursos vocacionais no ensino básico.

Quando questionados pelo seu comportamento a maioria refere que não sabe se já foi alvo de processo disciplinar/repreensão. Dos 36% dos inquiridos que responderam que sim, 75% foram alvo destas sanções apenas uma vez, 12,5% duas vezes e 12,5% não sabe. O nível em que as sanções tiveram lugar foi o sétimo ano, havendo ainda um dos inquiridos que foi alvo desta(s) sanção(ões) no 6º ano.

À data de ingresso neste curso, os alunos apresentavam os seguintes níveis de escolaridade (gráfico 2).

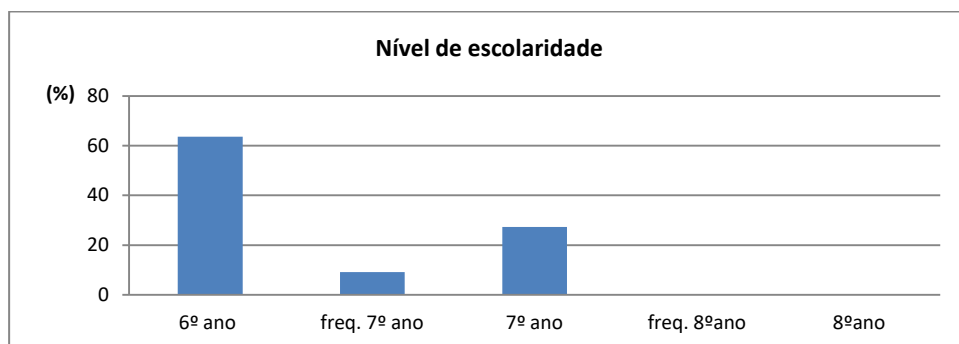


Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos alunos à data de início do curso.

C – Razões de escolha do Curso Vocacional

A grande maioria dos alunos inquiridos (91%) encontra-se a frequentar um Curso Vocacional pela 1ª vez, referindo ainda que este curso foi a sua primeira escolha. Afirmam que esta opção foi uma decisão sua ainda que

alguns afirmem que os seus pais (55%) e professores (41%) também tiveram alguma influência nesta decisão.

As razões que os levaram a tomar esta decisão são variadas tendo bastante expressão o querer concluir ou ser mais fácil obter o 9º ano, como se pode no gráfico 3.

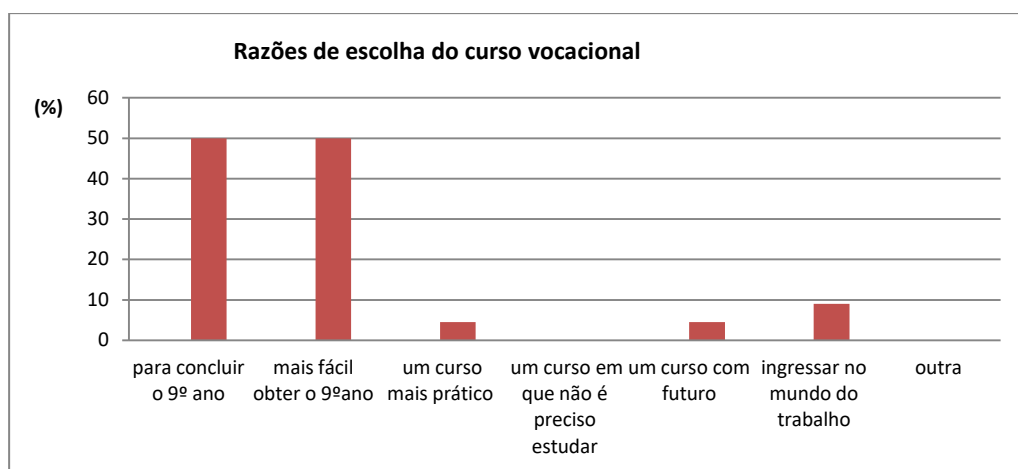


Gráfico 3 – Razões de escolha de um Curso Vocacional.

Quando inquiridos sobre qual seria a razão para a escola oferecer um curso com estas características os alunos referem dois motivos: para melhorar a vida de alguns alunos (54,5%) ou /e combater o insucesso escolar (45,5%).

D – Caracterização do Curso Vocacional e conduta profissional dos professores (visão do aluno)

Na tentativa de perceber que perspectiva os alunos possuíam do curso na sua globalidade, foram colocadas uma série de questões que nos

permitiram inferir qual a sua perspetiva relativamente à estrutura do curso, à forma como os docentes organizam as aulas ou ao modo como são avaliados.

Assim sendo, começamos por tentar perceber se o Curso que frequentam corresponde às suas expectativas e porque razões. A maioria dos alunos inquiridos refere que o curso está a corresponder ao que esperavam e 22,7% afirma que não. Como justificação cerca de 36% dos alunos refere ser ajudado pelos professores enquanto apenas 4,5% refere que os professores não querem saber. Referem ainda que é mais prático e com matérias mais interessantes. Por oposição 9,5% dos inquiridos refere que achavam que era mais prático e com matérias mais interessantes. Existe ainda um aluno que refere que a escola não possui as condições para este curso. Cerca de 27% dos alunos inquiridos não apresenta qualquer justificação.

Quando questionados relativamente à adequação do espaço físico às exigências do curso a maioria considera-o adequado existindo, no entanto, uma percentagem significativa (36.4%) de inquiridos que não concorda com este aspeto. Não obstante do atrás referido consideram que a escola na sua globalidade apresenta condições para ministrar este tipo de ensino. A faixa discordante apenas justifica a sua opção referindo que não existem condições sem particularizar nenhum aspeto.

Quanto à carga horária a que estão sujeitos 91% dos respondentes referem que o curso tem muitas horas de aulas e destes cerca de metade (46%) afirma que o curso deveria ser mais prático. De referir que deste universo de alunos existe uma percentagem considerável (31,8%) que não tem qualquer opinião sobre a tipologia de aula que preferem.

Relativamente aos docentes que os acompanham e comparativamente com os professores do ensino regular estes alunos referem algumas características evidenciadas no gráfico 4.

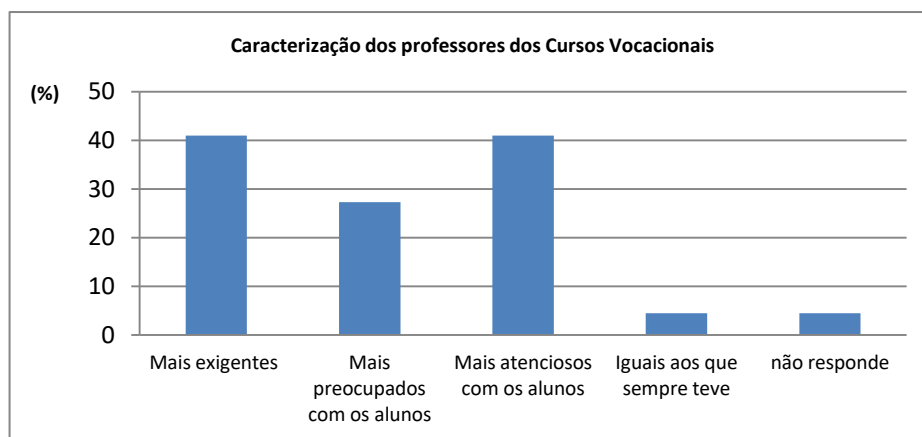


Gráfico 4 – Caracterização dos professores dos Cursos Vocacionais (perspetiva dos alunos).

Na sua globalidade os alunos inquiridos consideram os professores dos Cursos Vocacionais mais exigentes mas mais preocupados e atenciosos com os alunos. Assim sendo, a maioria dos inquiridos também refere que o seu relacionamento com os docentes é igual ou mesmo melhor do que o que tinham no ensino regular. Existe uma pequena faixa de alunos que afirma que o seu relacionamento com os docentes piorou.

Quando inquiridos relativamente aos métodos, técnicas e recursos utilizados pelos docentes as opiniões são muito díspares. Assim, cerca de 32% dos alunos afirmam que as aulas são só teóricas ou que é dado o fundamento teórico durante a aula prática. Cerca de 18% afirma que as aulas são só práticas e cerca de 27,2% afirma que dão a aula prática e só depois o fundamento teórico. Relativamente aos recursos utilizados nas aulas a maioria dos alunos refere que as aulas são dadas recorrendo a apresentações de PowerPoint. Referem ainda o quadro negro, o quadro interativo e os registos em papel como outros recursos comumente utilizados.

No cômputo geral os alunos inquiridos preferem as aulas de cariz mais prático em detrimento das aulas teóricas.

O gráfico 5 mostra a opinião dos alunos face à modalidade de avaliação privilegiada nestes cursos.

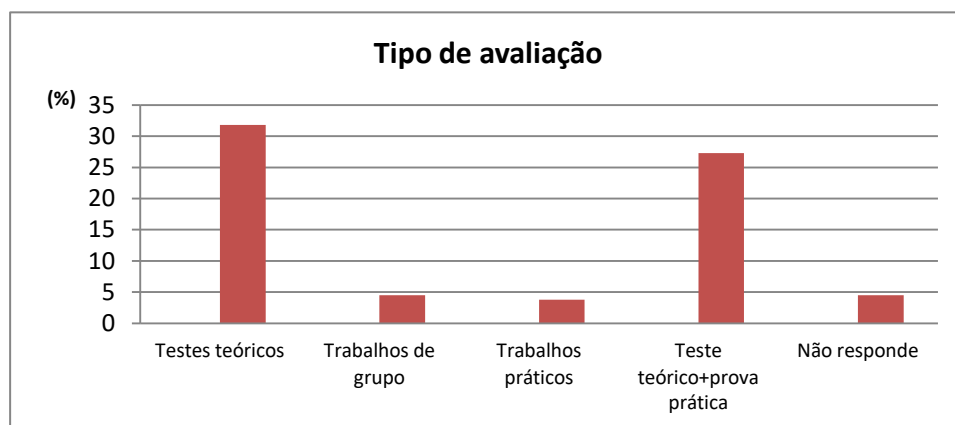


Gráfico 5 – Modalidade de avaliação privilegiada no Curso Vocacional (perspetiva dos alunos).

Questionados relativamente ao seu rendimento escolar no curso vocacional comparativamente ao rendimento escolar que obtiveram no ensino regular a maioria dos alunos inquiridos (77,2%) afirma que melhorou ou manteve os seus resultados. Relativamente à assiduidade, a mesma percentagem de alunos afirma que nunca falta ou só em situações particulares.

Todos os alunos referem nunca terem reprovado em cursos vocacionais.

Relativamente à existência de problemas de indisciplina na sala de aula comparativamente à verificada no ensino regular na perspetiva destes alunos, a indisciplina mantém-se presente na sala de aula, sendo que 27,3% afirma até que aumentou.

Consideram-se bem integrados na comunidade educativa interna possuindo uma boa relação com os restantes alunos. Na sua opinião os cursos vocacionais constituem uma boa alternativa ao ensino regular.

Em termos de projeção exterior, consideram que estes cursos não são muito valorizados como uma nova modalidade de ensino. Quando questionados se estes serão uma mais-valia para o desempenho de uma profissão ou facilitar a integração no mundo do trabalho, as opiniões diferem como se mostra no gráfico 6.

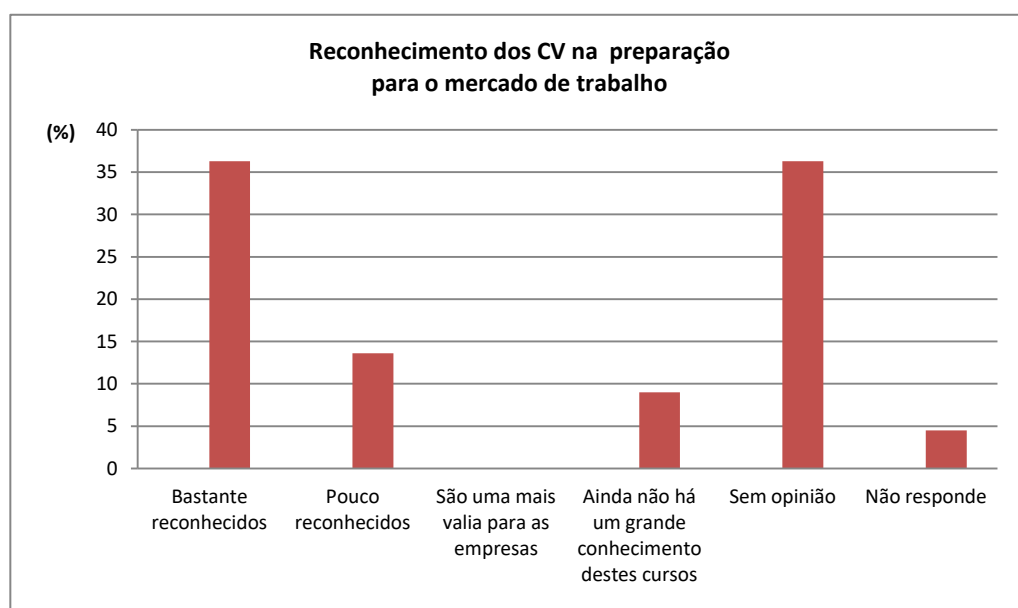


Gráfico 6 – Reconhecimento dos Cursos Vocacionais (CV) no mercado de trabalho (perspetiva dos alunos).

Cerca de 64% dos inquiridos afirma estar convencido que este tipo de curso lhe confere uma boa formação para ingressar no mercado de trabalho. Esta percentagem aumenta quando se reportam apenas à parte técnica do curso, considerando as visitas a possíveis locais de trabalho muito

importante/importante para a sua formação. Assim, a maioria dos inquiridos considera que será mais fácil obter um emprego após a conclusão do curso.

Consideram ainda que a oferta de Cursos Vocacionais valoriza a própria escola.

E – Perspetivas de futuro (visão do aluno)

Quando indagados sobre o que pretendem fazer de futuro estes alunos referem que vão continuar a estudar ou trabalhar e estudar. São de opinião que a conclusão deste curso lhes irá proporcionar uma vida melhor. Alguns referem ainda que a sua conclusão lhes trará alguma valorização social.

A maioria dos inquiridos reforça a ideia que é mais fácil ingressar no mundo do trabalho quando se possui um curso vocacional. Os inquiridos são por isso de opinião que deveria existir maior oferta deste tipo de cursos.

Quando inquiridos sobre a importância da existência dos cursos vocacionais nas escolas como formação alternativa afirmam ser importante e aconselhariam a sua frequência.

4.1.1.2 Professores

A – Breve caracterização dos docentes inquiridos

A amostra é composta por dezasseis docentes que lecionaram /lecionam o Curso Vocacional de Desporto, Fotografia, Cozinha e Restauração. A grande maioria é licenciada lecionando há mais de 16 anos. Cerca de metade pertence ao Quadro de Escola. Na sua maioria já tinham lecionado cursos vocacionais.

B – Razões de escolha do Curso Vocacional pelos alunos (percepção dos docentes)

Quando inquiridos relativamente aos fatores que, na sua opinião, levaram estes alunos a escolher os Cursos Vocacionais a maioria dos docentes refere que é o facto de quererem terminar o 9ºano, opinião similar à dos alunos. No entanto, quanto às principais influencias que os alunos foram alvo, os professores referem que é a orientação vocacional e os próprios docentes que lhes direcionam a escolha. Lembra-se aqui que os alunos apresentam maioritariamente uma opinião diferente dizendo que foi uma decisão sua e/ou dos seus pais. Os docentes inquiridos referem ainda que a oferta de escola pode também ser um fator decisivo na escolha dos alunos.

Quando inquiridos sobre a razão que leva a escola a oferecer um curso com estas características, os docentes referem apenas que funciona como uma estratégia para combater o insucesso escolar.

C – Caracterização do Curso Vocacional – práticas pedagógicas e conduta dos alunos (percepção dos docentes)

À semelhança do realizado com os alunos tentamos perceber qual a ideia que os docentes têm deste tipo de curso, quais as práticas pedagógicas que adotam e como caracterizariam a conduta dos alunos. Assim, a maioria dos docentes inquiridos considera que o curso tem muitas horas de aulas e que devia ser de cariz mais prático. Afirma ainda que os cursos vocacionais

são menos exigentes que o ensino regular. Tal como o verificado para os alunos, a maioria dos docentes inquiridos considera que o espaço de funcionamento dos cursos vocacionais é adequado, referindo no entanto que algumas salas são subdimensionadas e/ou não permitem a realização de atividades de cariz prático.

Quanto ao tipo de relacionamento que mantêm com os alunos dos Cursos vocacionais comparativamente aos alunos do ensino regular opiniões dos docentes inquiridos são diferentes das que obtivemos para os alunos do curso vocacional como se pode ver no gráfico 7.

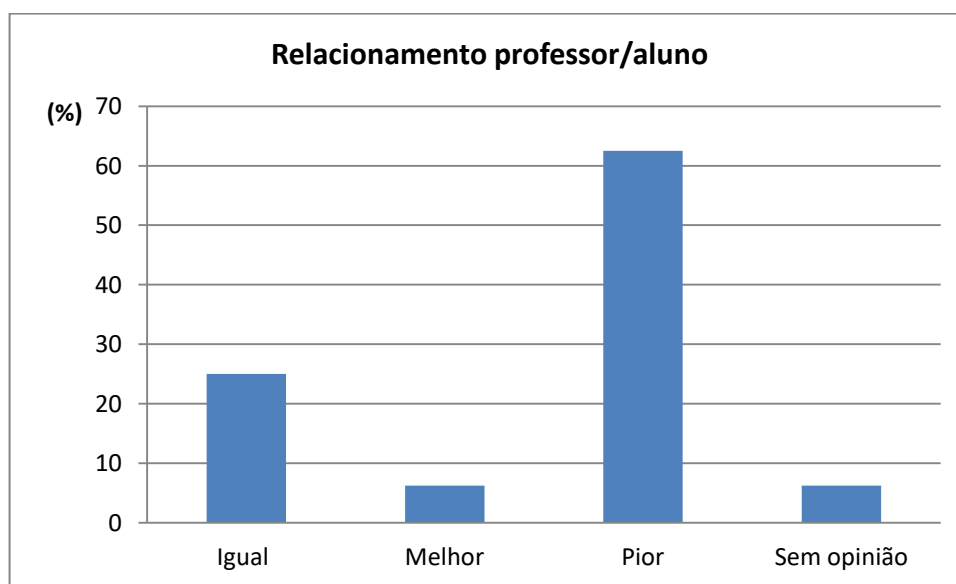


Gráfico 7 – Relacionamento professor/aluno.

A análise do gráfico 7, mostra que a maioria dos professores inquiridos considera que a relação que mantém com os alunos dos cursos vocacionais é pior do que a que mantém com as turmas de ensino regular, o que contraria a perspectiva demonstrada pela maioria dos alunos que consideram o relacionamento professor/alunos é melhor ou igual.

Quando inquiridos relativamente aos métodos, técnicas e recursos mais utilizadas nas suas aulas a opinião dos docentes é diferente da apresentada pelos alunos, como pode ser visualizado no gráfico 8.

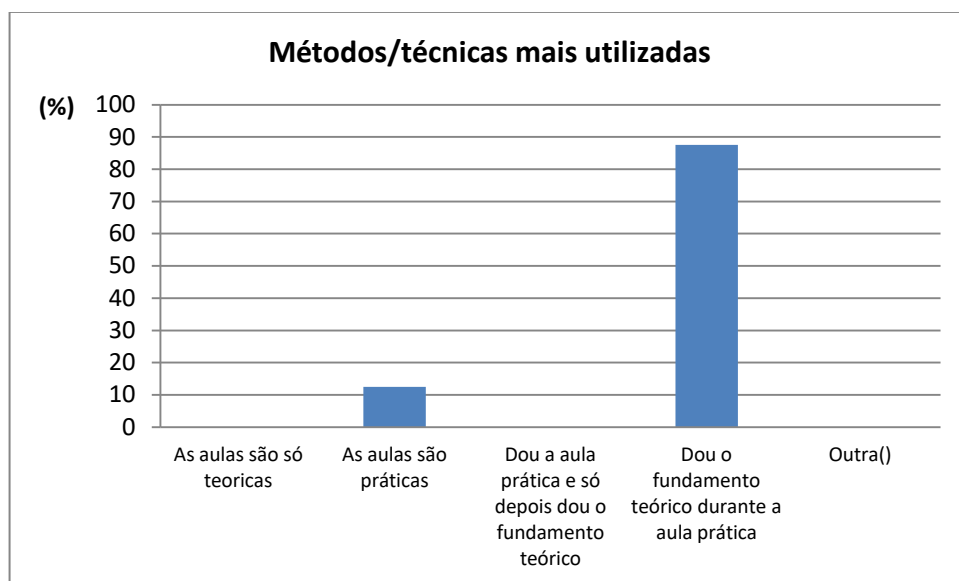


Gráfico 8 – Métodos e técnicas mais utilizadas pelos docentes dos Cursos vocacionais.

Como já foi referido anteriormente os alunos têm uma opinião diferente da evidenciada pelos docentes que globalmente referem que durante as aulas práticas fazem referência ao suporte teórico. Quanto aos recursos que mais utilizam os docentes afirmam que utilizam essencialmente PowerPoint, o suporte papel recorrendo também, com alguma frequência, à apresentação de filmes.

À semelhança do afirmado pelos alunos, os docentes inquiridos têm a perceção que os alunos preferem as aulas de cariz mais prático.

Em relação ao tipo de avaliação que privilegiam nas suas aulas as opiniões divergem como se pode ver no gráfico 9, ainda que cerca de metade

dos inquiridos afirmem recorrer a trabalhos práticos como suporte da avaliação.

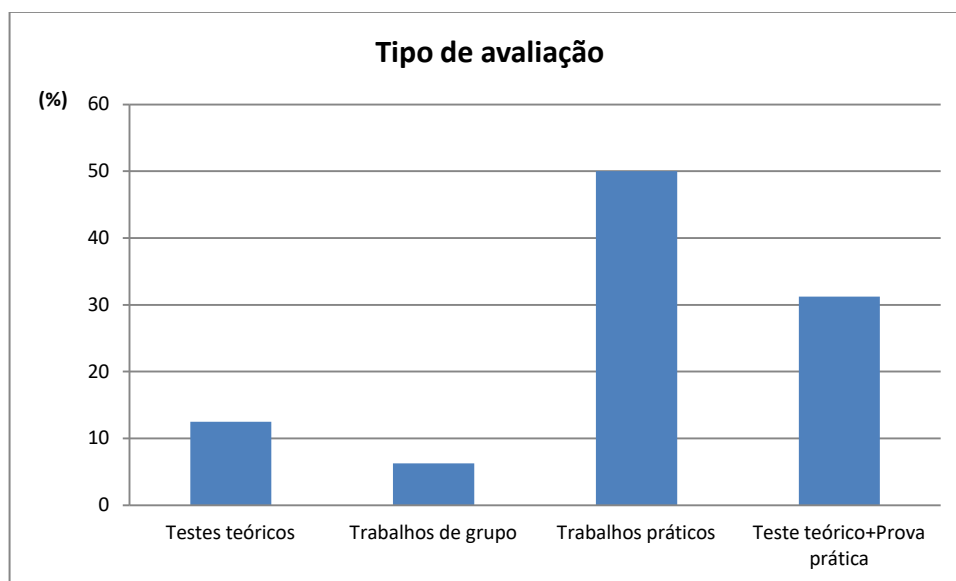


Gráfico 9 – Tipo de avaliação realizada.

Os docentes inquiridos consideram que o insucesso dos alunos diminuiu, contrariamente ao referido pelos alunos, os alunos apresentam níveis de assiduidade baixos que prejudica o seu aproveitamento.

Quando inquiridos relativamente às expectativas dos alunos face ao curso, as opiniões dos docentes dividem-se. Assim, alguns afirmam que os alunos se consideram defraudados e por isso pouco satisfeitos enquanto outros referem que o curso corresponde às expectativas dos alunos e por isso estes se encontram satisfeitos.

Da mesma forma, quando inquiridos sobre a indisciplina na sala de aula ou na escola, os docentes apresentaram-se muito divididos nas suas opiniões,

sendo que uns referem que a indisciplina diminuiu, outros que aumentou e ainda outros que afirmam que se mantém.

A maior parte dos inquiridos afirma que as turmas dos cursos vocacionais apresentam dinâmicas diferentes das turmas do ensino regular sendo unânimes ao afirmar que na preparação das atividades letivas têm em atenção a especificidade destas turmas/alunos. Afirmam ainda que os alunos deste tipo de curso apresentam características diferentes dos alunos do ensino regular, pelo que as aulas dos cursos vocacionais devem ser pedagogicamente diferentes das turmas de ensino regular. Pelo atrás exposto a maioria dos docentes inquiridos refere ainda que não existe interdisciplinaridade entre os cursos vocacionais e os restantes cursos existentes na escola. Os professores consideram, no entanto, que os alunos dos cursos vocacionais têm uma boa relação com os alunos que não frequentam estes cursos e que se encontram bem integrados no ambiente escolar.

Globalmente, os docentes inquiridos consideram que este percurso constitui uma boa alternativa ao ensino regular. São unânimes ao afirmar que os cursos vocacionais são facilitadores da obtenção do 9º ano e aconselhariam os alunos a frequentá-los.

As opiniões divergem relativamente ao facto deste tipo de oferta valorizar ou não a escola (gráfico 10).

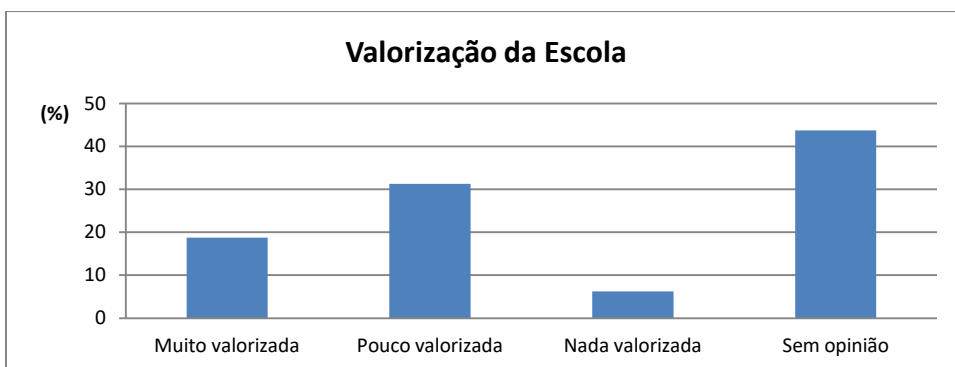


Gráfico 10 – Valorização da Escola.

Os professores são da opinião que os cursos vocacionais ou os seus alunos são pouco valorizados fora da escola, em parte por ainda não existir um grande conhecimento relativamente a estes cursos. A maioria dos inquiridos é de opinião que estes cursos não preparam os alunos para o ingresso no mundo do trabalho. No entanto, quando inquiridos relativamente apenas à preparação técnica as opiniões dividem-se sendo que metade dos inquiridos afirma que os alunos têm de facto uma boa preparação técnica. Quando questionados se a conclusão do curso facilita o ingresso no mundo do trabalho, a maioria é de opinião que não.

Quanto à importância destes cursos como percurso alternativo para os alunos, a maioria dos inquiridos considera-os importantes /muito importantes. Consideram ainda que pode ser importante para a escola no âmbito da gestão de professores

D – Valorização pessoal

A maioria dos docentes apresenta-se insatisfeita por lecionar Cursos vocacionais. Afirmam que deviam ter formação específica para lecionar este tipo de curso. Consideram que o facto de possuir experiência profissional facilita a lecionação destes cursos mas não é determinante.

Quando questionados se escolheriam por opção própria lecionar cursos vocacionais a maioria afirma que não, embora não tenham más experiências na lecionação deste tipo de percurso alternativo.

Quando lhes é pedido que façam uma avaliação deste tipo de curso as opiniões variam entre o medíocre e o razoável.

4.1.2. Inquéritos por Entrevista

No nosso trabalho empírico entrevistámos a Psicóloga que integra a equipa pedagógica (apêndice I), a Diretora do Curso Vocacional (apêndice II) e o Diretor do Agrupamento (apêndice III).

Procedemos à análise das entrevistas de forma comparativa tendo em conta o percurso de criação de um curso vocacional.

Na perspetiva do Diretor estes cursos foram criados para dar resposta a um conjunto de alunos que apresentavam inúmeras retenções. Mais afirma que o que prevaleceu como critério de escolha das áreas vocacionais do curso foi o facto de existirem no Agrupamento docentes com disponibilidade em determinadas áreas, ou seja, a escolha das áreas vocacionais não resultou de

um levantamento de necessidades mas sim de um excesso de recursos humanos.

Todos os entrevistados referem como principais diferenças entre o ensino regular e o ensino vocacional o facto de estes últimos apresentarem um currículo teórico adaptado e mais reduzido e uma maior componente prática.

Relativamente à existência de um perfil de aluno, os nossos entrevistados são de opinião que o perfil de aluno para estes cursos segue os normativos legais. O Diretor vai mais longe afirmando que são alunos com poucas expectativas, muitas vezes provenientes de famílias disfuncionais, basicamente alunos que nas palavras do Diretor “estão aqui porque têm que estar”.

O seguimento dos normativos legais acarreta constrangimentos na uniformidade comportamental das turmas. Na opinião da psicóloga responsável pelo encaminhamento destes alunos, existe uma tendência para encaminhar alunos com retenções mas com comportamentos inadequados para estas turmas. Esta situação é desastrosa pois prejudica quer o aluno que é encaminhado desta forma quer a restante turma. É este fator que torna as turmas do ensino vocacional pouco equilibradas prejudicando o seu desempenho. Existe um outro fator condicionada por estes aspeto que se prende com a assiduidade, como aliás é referido pela Coordenadora de curso. Estes alunos apresentam um elevado nível de absentismo. Não deixa de ser curioso que os alunos inquiridos não considerem este aspeto verdadeiro.

Os entrevistados consideram que com a criação dos cursos vocacionais a indisciplina no ensino regular decresceu com um consequente aumento do sucesso escolar. No entanto, o Diretor apresenta uma visão mais alargada do ambiente escolar considerando que este se degradou tendo em conta que se formaram grupos (turmas) de alunos problemáticos.

Relativamente ao perfil de professor para lecionar este tipo de curso na opinião dos entrevistados, a experiência não parece ser um fator fundamental. Acham que as turmas não lhes devem ser impostas mas sim uma escolha sua. Consideram ainda que no seio da escola existem professores, que dadas as suas características pessoais, teriam mais facilidade em lidar com este tipo de aluno. A psicóloga refere que será necessária a criação de uma equipa de professores que devem pertencer ao quadro da escola e querer minimamente lecionar este tipo de turmas. Por outro lado, a Coordenadora de Curso, afirma que seria muito importante este grupo de docentes ter maior componente não letiva de modo a permitir reuniões de trabalho permanentes para adequação de estratégias, uniformização de critérios ou outras. Refere ainda que deviam estar dedicados apenas a este tipo de ensino. Em suma, os nossos entrevistados são de opinião que é um tipo de ensino difícil mas que mediante determinadas condições existem professores que facilmente aceitariam lecionar.

Quando questionados relativamente à monitorização do percurso destes alunos à saída do curso o Diretor afirma que na sua opinião compete à Direção integrar estes alunos. Revela que a Direção em conjunto com os Serviços Administrativos conseguiu, até à data, integrar os alunos que terminaram os cursos vocacionais anteriores, em diferentes escolas no 10º ano, quer no ensino regular quer no ensino profissional.

Para concluir perguntamos aos nossos entrevistados se consideram os cursos vocacionais como uma mais-valia para a escola. Todos afirmam que os cursos não funcionam como uma mais-valia para a escola mas sim para os alunos, cumprindo de alguma forma o propósito para o qual foram criados – reduzir o insucesso escolar. Apresentam duas visões, a do ensino regular e a

do ensino vocacional. Por um lado, estes alunos ao saírem das turmas do ensino regular onde, dadas as suas dificuldades não teriam sucesso e, conseqüentemente, desmotivariam levando a comportamentos inadequados (nalguns casos até ao abandono do sistema de ensino) permitem que as turmas do ensino regular apresentem taxas de sucesso mais elevadas. Por outro lado, ao ingressarem nas turmas do ensino vocacional dadas as suas características curriculares, conseguem (na grande maioria dos casos) obter sucesso e permanecer no sistema de ensino.

4.2.SÍNTESE GLOBAL

A análise conjunta dos dados obtidos permitiu-nos elaborar a seguinte síntese:

- os alunos encontram-se satisfeitos com o curso embora sejam de opinião que deveria ser de cariz mais prático, já que preferem as aulas práticas, e com uma carga horária mais reduzida. Esta opinião também é partilhada pelos docentes;

- quanto às razões da escolha deste percurso alternativo, os alunos referem maioritariamente que foi por sua opção, ainda que alguns destes refiram que também sofreram influência de pais e professores. Os professores referem que os alunos são direcionados para esta via, pelos próprios professores e como resultado da Orientação Vocacional. Esta opinião é corroborada pelos entrevistados, que afirmam que os alunos atualmente são “empurrados” para esta via como tentativa de solucionar a indisciplina e/ou as retenções repetidas. Todos consideram que esta via de ensino permite que os alunos concluam com mais facilidade o 3º ciclo;

- quer os entrevistados quer os inquiridos são de opinião que é uma forma de combate ao insucesso escolar. O Diretor do Agrupamento salienta o facto de ser uma forma de reduzir o insucesso também no ensino regular já que estes alunos, na sua maioria problemáticos, são afastados das turmas de ensino regular;

- em relação aos professores, os alunos também estão satisfeitos considerando-os preocupados e atenciosos, embora exigentes. Por seu lado, os professores consideram que possuem uma melhor relação com os alunos

do ensino regular. Este aspeto está relacionado com o que afirma a Diretora de Curso que estes alunos apresentam-se muito desmotivados o que leva a uma baixa assiduidade e comportamentos menos corretos, tornando difícil o relacionamento professor/aluno;

- curiosamente, os alunos inquiridos não consideram que a sua assiduidade seja baixa afirmando que só não comparecem às aulas em casos pontuais;

- segundo os entrevistados não parece existir relação entre a experiência dos docentes e uma maior apetência para a lecionação destes cursos, mas quer psicóloga quer a diretora de curso salientam o facto que as equipas de docentes devem ser formadas antes da realização dos horários e com o conhecimento e aval destes. O Diretor relativamente a este aspeto refere que muitas vezes a escolha dos professores para lecionar estes cursos se prende com a gestão de recursos humanos e não com o perfil do docente;

- Os alunos consideram que estes cursos funcionam como uma mais-valia para a escola, valorizando-a. Os professores apresentam uma visão distinta afirmando que os cursos vocacionais não são muito valorizados quer internamente quer para a comunidade no geral, muitas vezes por desconhecimento. No entanto, consideram que para estes alunos são uma mais-valia pois de outra forma dificilmente concluiriam o 9º ano.

- os entrevistados afirmam que a monitorização realizada é reduzida. A psicóloga refere que por falta de tempo não a faz de forma eficaz. O Diretor e diretor de curso, afirmam que Direção, em conjunto com os Serviços Administrativos, tem a preocupação que os alunos desta via que concluem o 9ºano, sejam integrados no sistema de ensino no ano seguinte, na via que acharem mais adequada.

5. PLANO DE AÇÃO

Tendo em conta os resultados por nós obtidos tentamos elaborar um plano de ação que por um lado contribua de forma eficaz para o sucesso dos alunos que apresentam maior dificuldade de adaptação ao ensino regular e por outro consiga colmatar as necessidades de empresas da região, garantindo dessa forma maior empregabilidade a estes alunos.

Este plano de ação passará por quatro etapas distintas mas complementares:

- 1ª etapa: realizada antes da estruturação do curso vocacional, consistirá no levantamento junto do comércio/indústria local das suas verdadeiras necessidades englobando as áreas específicas da formação vocacional. Em colaboração com a Câmara Municipal de Matosinhos, serão realizadas uma ou mais sessões de esclarecimento dirigidas às empresas do concelho para divulgação deste tipo de ensino.

O mesmo tipo de iniciativa será realizada, à posteriori, no Agrupamento desta feita dirigido alunos e professores para que estes tomem conhecimento deste tipo de percurso alternativo e possam fazer chegar sugestões à equipa a trabalhar na estruturação do curso vocacional. Também se deve proceder ao levantamento das condições físicas específicas necessárias a este tipo de percurso.

- 2ª etapa: consiste na estruturação do Curso vocacional que terá obviamente uma Componente Geral e uma Componente Complementar mas com menor número de horas. O currículo das Atividades Vocacionais a oferecer estará de

acordo com o levantamento realizado quer junto das empresas quer junto de alunos e professores. A turma a constituir deverá ser o mais uniforme possível e com um número mais reduzido de alunos (no máximo quinze). Nas componentes mais teóricas os alunos serão acompanhados por dois professores permitindo assim um apoio mais individualizado a cada aluno; nas componentes de cariz mais prático a turma poderá funcionar por turnos.

Nesta fase deverão ser estabelecidos protocolos com as empresas visando a obtenção de locais para o desenvolvimento da Áreas Vocacionais, em particular da Prática Simulada.

Autorizada a sua realização pelo Ministério de Educação e Ciência, proceder-se-á à sua divulgação junto da comunidade interna e externa dando a conhecer as características que o distinguem dos demais percursos;

-3ª etapa: seleção dos alunos para a frequência do curso, seria feita por uma equipa pedagógica, permitindo a todos os alunos o acesso a este tipo de percurso, desde que tenham idade superior ou igual a treze anos. Aos alunos será dada a opção de frequentarem aulas de apoio, caso o desejem, a Português e Matemática para preparação para os exames nacionais de final de ciclo.

- 4ª etapa: A avaliação deste plano de ação será coincidente com a avaliação final dos alunos deste curso podendo ser traduzida quer pelos níveis obtidos pelos alunos nas disciplinas do curso quer pelo seu grau de satisfação.

Tendo em conta que o concelho de Matosinhos se caracteriza pela qualidade da sua restauração, as áreas vocacionais com mais saída neste concelho prendem-se com a restauração. Esta área é do interesse dos alunos

do agrupamento uma vez que muitos deles já o manifestaram quando encaminhados para o curso que atualmente frequentam. Em particular no Agrupamento em estudo existem já condições físicas mínimas para conceber um curso deste género, uma vez que existem as instalações da cozinha pedagógica que, com algumas alterações, podiam funcionar como laboratório para estes alunos. Para além deste espaço existe ainda uma sala preparada para servir refeições. Existem ainda no agrupamento cinco cantinas que podem ser utilizadas fora das horas das refeições.

Levando em conta estes aspetos o Curso Vocacional que traduz este plano de ação teria a matriz curricular, a desenvolver em dois anos, que se mostra na tabela 4.

Componente de Formação	Total de Horas
Formação Geral	
Português*	180h
Comunicar em Inglês	120 h
Matemática*	180 h
Ed. Física	130 h
Subtotal horas	610h
Formação Complementar	
Higiene e Segurança Alimentar	180h
Comunicar em francês/espanhol (2ª língua)	120h
Subtotal horas	300h
Formação Vocacional	

Técnicas de Cozinha e Pastelaria (Área Vocacional A) + prática simulada	180h + 250h
Técnicas de Restaurante e Bar (Área Vocacional B) + prática simulada	180h + 250h
Manutenção de Equipamentos e Materiais (Área Vocacional C) + prática simulada	180h + 250h
Subtotal horas	1290h
TOTAL DE HORAS	2200

Tabela 4 – Matriz do curso vocacional de Cozinha, Restauração e Bar.

Analisando a matriz (tabela 4) podemos verificar que o número de horas letivas da formação geral e da formação complementar foi reduzido em prol da formação Vocacional, em especial da Prática Simulada.

Este curso terá uma duração de dois anos letivos (início – 15 de setembro/fim – 30 de junho) e manter-se-ão as interrupções de natal, carnaval, páscoa e férias de verão. Considerando que cada ano letivo possui aproximadamente 190 dias de úteis, a carga horária pode facilmente ser distribuída pelos dias nunca ultrapassando as 7 h diárias. As disciplinas de cariz teórico serão desenvolvidas preferencialmente no período da manhã e as de cariz mais prático no período da tarde. A prática simulada será desenvolvida quer no espaço escola quer no espaço exterior em restaurantes e/outras estabelecimentos com os quais foram estabelecidos protocolos. No espaço exterior os alunos serão acompanhados por um formador externo da responsabilidade do estabelecimento no qual se encontram a desempenhar funções.

Esta distribuição permite que a equipa de docentes em conjunto com a equipa de formadores possa com alguma facilidade de reunir para aferir planificações, discutir estratégias ou ajustar objetivos de acordo com o desempenho dos alunos. Permite ainda que os alunos que pretendam regressar ao ensino regular possam, se ainda o desejarem, ter aulas complementares de Português e Matemática de modo a que realização dos exames de final de ciclo se torne mais fácil.

A avaliação realizada nas áreas vocacionais recorrendo a grelhas de avaliação das atividades práticas desenvolvidas pelos alunos nestas horas. Na avaliação das disciplinas que envolvam o domínio de línguas será privilegiada a oralidade.

Na tabela 5, mostra-se, a título de exemplo, a distribuição das diferentes disciplinas numa semana hipotética, quer do 1º ano (tabela 5A) quer para o 2º ano (tabela 5B).

Hora/dia	2ª feira	3ª feira	4ªfeira	5ª feira	6ª feira
8.30/9.20	Português	Matemática	C. Inglês	C. Inglês	C.Francês
9.25/10.15			Português	Matemática	H.S.A.
10.30/11.25	H.S. A.	C. Francês	Ed. Física	A.V. C+P S	A.V. B+P S
13.30/12.20				A.V. C+P S	A.V. B+P S
ALMOÇO					
14.00/15.00	A.V. A+P S	A.V. B+P S	A.V. C+P S		A.V. A+P S
15.00/16.00	A.V. A+P S	A.V. B+P S	A.V. C+P S		A.V. A+P S
16.30/17.30	A.V. A+P S	A.V. B+P S	A.V. C+P S		

Tabela 5 A – Distribuição da carga horária – 1º ano. HSA – Higiene e Segurança Alimentar; C. – Comunicar; A.V. – Área Vocacional; PS – Prática Simulada

Hora/dia	2ª feira	3ª feira	4ªfeira	5ª feira	6ª feira
8.30/9.20	Português	A.V. B+P S	HSA	Matemática	A.V. A+P S
9.25/10.15		A.V. B+P S			A.V. A+P S
10.30/11.25	A.V. B+P S	A.V. B+P S	A.V. A+P S	A.V. C+P S	A.V. A+P S
13.30/12.20					
ALMOÇO					
14.00/15.00	A.V. A+P S	A.V. C+P S		A.V. B+P S	A.V. C+P S
15.00/16.00	A.V. A+P S	A.V. C+P S		A.V. B+P S	A.V. C+P S
16.30/17.30	A.V. A+P S	A.V. C+P S		A.V. B+P S	A.V. C+P S

Tabela 5 B – Distribuição da carga horária – 2º ano. HSA – Higiene e Segurança Alimentar;

A.V. – Área Vocacional; PS – Prática Simulada

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, J. (2013) Como se tece o (in)sucesso escolar: o papel crucial dos professores. In Machado,J., Alves,J. (orgs.) Melhorar a escola – sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas. SAME –Serviço de apoio à melhoria das Escolas. Faculdade de Ciências e Psicologia- Universidade Católica Portuguesa, Porto.

- Benavente, A. (1990) Insucesso escolar no contexto português – abordagens, concepções e políticas. *Análise social*, vol.xxv, nº 108-109.715-733.

Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034893G8cGD1nd2Zt45QL6.pdf>
f - consultado em 25/5/2016

- Bogdan, R. e Biklen,S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

- Cortesão, L., Torres, M. (1990) *Avaliação Pedagógica I Insucesso Escolar*, 4ª ed., Col. Ser Professor, Porto: Porto Editora.

- Dias, C. (2010)*Causas do (in)sucesso escolar*. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.Disponível em:

https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/576/1/MsC_cdodias.pdf

- Formosinho, J. (2001). *A Igualdade em Educação. A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Edições ASA.

- Ludke, e André. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U.

- Martinho, B. (2007). *O Insucesso escolar numa escola do 1º ciclo do Ensino Básico de um contexto sócio-cultural carenciado*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Escola Superior de Educação. Universidade do Algarve

-Machado, M. (2007). *Família e Insucesso Escolar*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto

-Miguel, R.; Rijo, D.; Lima, L. (2012). Factores de Risco para o Insucesso Escolar: A Relevância das Variáveis Psicológicas e Comportamentais. *Revista de portuguesa de pedagogia*, 46-I, 127-143.

- Miranda, C. (2010). Causas de (in)sucesso escolar. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Disponível em:
https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/503/1/msc_cfnmiranda.pdf

- Pinto, C., *Sociologia da Escola*, McGRAW-HILL, s.l., 1995.

- Pires, E.; Fernandes, A. & Formosinho, J. (2001). *A Construção Social da Educação Escolar*. 3ª ed. Porto: Asa Editores.

- Quivy, R. e Campenhoudt, L.(1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Roazzi, A., Almeida, L. (1988) Insucesso Escolar: insucesso do aluno ou do sistema escolar? *Revista Portuguesa de Educação*. Universidade do Minho. 53-60.
Disponível em:
[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3326/1/Prof.%2520Leandro%2520RPE%25201\(2\)%25201988.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3326/1/Prof.%2520Leandro%2520RPE%25201(2)%25201988.pdf)

- Rosa, B.(2013) Causas de abandono e insucesso escolar Comparação entre a Realidade Açoriana e Continental. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal

Disponível em:
https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2368/1/MsC_bmmrosa.pdf

- Santos, A. (2009). (In)sucesso Escolar de Crianças e Jovens Institucionalizados. Dissertação de mestrado, Universidade técnica de Lisboa, Portugal.
Disponível em:

[https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2997/1/\(In\)sucesso%20escolar%20de%20crian%c3%a7as%20e%20jovens%20institucionalizadas.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2997/1/(In)sucesso%20escolar%20de%20crian%c3%a7as%20e%20jovens%20institucionalizadas.pdf)

- Sil, V. (2004). Alunos em situação de insucesso escolar. Coleção Horizontes Pedagógicos, Lisboa: Instituto Piaget

- Stake, R.E. (1998). Investigación com estúdio de casos, Ediciones Morata

- Roldão, M. d. C. (1999). O currículo e a gestão curricular: o papel das escolas e dos professores. In Ministério da Educação, Forum: Escola, Diversidade e Currículo, 45-55. Roldão, M. d. C. (2000). O currículo escolar: da uniformidade à contextualização - campos e níveis de decisão curricular. Revista da Educação, IX, 81-92. Roldão, M. d. C. (2002). Os professores e a gestão do currículo - Perspectivas e práticas em análise. Porto: Porto Editora. Sanches, M. d. F. (1996). Imagens de liderança educacional: acção tecnocrática ou acção moral e de transformação. Revista da Educação, 6, 13-35.

- Quivy, R. e Campenhoudt, L.(1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

- Yin, R. (1994). Case study research: Design and methods (2nd ed.). Beverly Hills, CA: Sage Publishing.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

INQUÉRITO AOS ALUNOS DOS CURSOS VOCACIONAIS

O presente inquérito encontra-se integrado num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - Especialização em Administração das Organizações Educativas, tendo como objetivo tentar estudar de que forma os cursos vocacionais estão a ser implementados na escola, se estão a corresponder às expectativas dos alunos e o impacto que provoca nas suas vidas. A sua resposta a este questionário constitui um contributo essencial para a realização deste trabalho. O questionário é preenchido de forma anónima e as informações recolhidas

serão estritamente confidenciais.

1. Sexo: Masculino () Feminino ()
2. Idade _____
3. Qual a escolaridade dos seus pais:

	Mã	Pai
Não sabe ler nem escrever		
1º Ciclo – 1ª, 2ª, 3ª, 4ª		
2º Ciclo – 5º, 6º Ano		
3º Ciclo – 7º, 8º, 9º Ano		
Ensino Secundário – 10º, 11º, 12º Ano		
Bacharelato		
Licenciatura		
Mestrado		
Doutoramento		

4. Qual a profissão dos seus pais

	Mãe	Pai

Agricultura / Pescadores Individuais		
Agricultura / Pescadores Assalariados		
Empregado Restauração		
Empregado Escritório / Comércio Serviços		
Operário Fabril		
Empresários Gerentes		
Trabalhadores da Construção Civil		

Quadro Técnico		
Doméstica		
Outra () Qual _____		

5. Qual a situação económica dos seus pais

	M	P
Desempregado		
Empregado		
Reformado		
Rendimento Mínimo		
Outro		

6. Reprovou alguma vez antes de entrar nos cursos vocacionais? Sim () Não ()

7. Se respondeu Sim, quantas vezes _____

8. Em que ano:

1º Ciclo

2º Ano	3º Ano	4º Ano

2º Ciclo

5º Ano	6º Ano

3º Ciclo

7º Ano	8º Ano	9º Ano

9. Antes do curso vocacional teve alguma repreensão ou processo disciplinar:

Sim () Não ()

10. Se **Sim** quantos _____; Em que ano(s) de escolaridade _____

11. Alguma vez abandonou a escola antes do curso vocacional? Sim () Não ()

12. Qual a razão do abandono: _____

13. Que curso vocacional frequenta? _____

14. Qual a sua escolaridade quando se matriculou no curso vocacional:

6º Ano (); Frequência do 7º Ano (); 7º Ano (); Frequência do 8º Ano (); 8º Ano ()

15. Foi a primeira vez que se matriculou num curso vocacional: Sim () ; Não ()

16. Foi a sua primeira escolha: Sim () Não ()

17. Quem o influenciou mais na escolha do curso que frequenta (escolha apenas 3):

a) Pais.....()

b) Amigos.....()

c) Professores.....()

d) Decidi eu.....()

e) Professores.....()

f) Família.....()

g) Psicólogo/a.....()

h) Publicidade.....()

i) Outra () Qual?_____

18. Porque escolheu este tipo de curso:

a) Para concluir o 9º ano.....()

b) Ser mais fácil obter o 9º ano...()

c) Ser um curso mais prático.....()

d) Curso onde não é preciso estudar.....()

e) Curso com futuro.....()

f) Ingressar no mundo do trabalho.....()

g) Outra.....()

Qual?_____.

19. Na sua opinião a criação dos cursos vocacionais na sua escola foi para:

- a) Melhorar a vida de alguns alunos.....()
- b) Para combater o insucesso escolar.....()
- c) Para diminuir a indisciplina na escola....()
- d) Outra razão.....()

Qual? _____.

20. O curso está a corresponder ao que esperava: Sim () Não ()

21. Justifique a sua resposta quer tenha respondido **Sim** ou **Não**

22. Considera que o curso tem muitas horas de aulas: Sim () Não ()

23. Se a resposta foi **Sim** o curso deveria ser mais:

- a) Teórico.....()
- b) Prático.....()
- c) Só prático.....()
- d) Sem opinião.()

24. Os professores dos cursos vocacionais relativamente aos que teve anteriormente são:

- a) Mais exigentes.....()
- b) Mais preocupados com os alunos.....()
- c) Mais atenciosos com os alunos.....()
- d) Iguais aos que sempre teve()

25. O relacionamento dos professores com os alunos nos cursos vocacionais é:

1. Igual () ; 2. Melhor () ; 3. Pior () 4. Sem opinião ()

26. Quais os métodos /técnicas que os professores mais privilegiam nas aulas:

- a) As aulas são só teóricas.....()
- b) As aulas são só práticas.....()
- c) Dão aula prática e só depois dá o fundamento teórico....()
- d) Dão o fundamento teórico durante a aula prática.....()
- e) Outra () Qual? _____

27. Quais os recursos que os professores mais utilizam nas aulas:

- a) PowerPoint.....()
- b) Filmes.....()
- c) Quadro.....()
- d) Quadro Interativo.....()
- e) Suporte em papel.....()

28. No curso qual o tipo de aulas que mais gosta:

- a) Aulas Teóricas.....()
- b) Aulas Práticas.....()
- c) É Indiferente.....()

- d) Ambas.....()
29. Qual o tipo de avaliação que é mais privilegiada no curso:
- a) Testes Teóricos.....()
- b) Trabalhos em Grupo.....()
- c) Trabalhos Práticos.....()
- d) Teste Teórico + Prova Prática..()
30. Considera o espaço onde o curso funciona adequado? Sim () ; Não ()
31. Considera a escola com condições para ter este tipo de cursos: Sim () ; Não () . Se não
Porquê? _____
32. No curso que frequenta o rendimento escolar, relativamente ao ensino regular,:
- a) Aumentou.....()
- b) Diminui.....()
- c) É Igual.....()
- d) É melhor nas Disciplinas Práticas.....()
33. Costuma faltar muito nas aulas:
- a) Sim.....()
- b) Não.....()
- c) De vez em quando.....()
- d) Só em casos especiais()
- e) Nunca Falto.....()
34. Alguma vez reprovou nos cursos vocacionais: Sim () Não ()
35. Se Sim, quantas vezes?_____
36. A reprovação foi: 1. Por faltas () ; 2. Por não estudar () ; 3. Por não conseguir aprender ()
37. Considera que com estes cursos a indisciplina na sala de aula:
- a) Aumentou.....()
- b) Diminui.....()
- c) Mantém-se.....()
38. Como considera o relacionamento dos alunos destes cursos com os alunos dos outros cursos
existentes na escola:
- a) Bom.....()
- b) Razoável.....()
- c) Mau.....()
- d) Sem opinião.()
39. Em termos de formação dos cursos vocacionais são uma boa alternativa que a escola oferece: Sim ()
; Não () ; Sem opinião ()

40. Considera que os alunos que frequentam os cursos vocacionais estão integrados no ambiente escolar: Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
41. Fora da escola os cursos vocacionais são valorizados como uma nova forma de ensino:
Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
42. Fora da escola os cursos vocacionais são reconhecidos como uma forma de obter uma profissão e também uma forma de ficar preparado para entrar no mundo do trabalho:
- a) Bastante reconhecidos.....()
 - b) Pouco reconhecidos()
 - c) São uma mais valia para as empresas.....()
 - d) Ainda não há um grande conhecimento destes cursos.....()
 - e) Sem Opinião.....()
43. Considera que a escola fica valorizada ao oferecer cursos vocacionais:
- a) Muito Valorizada.....()
 - b) Pouco Valorizada.....()
 - c) Nada Valorizada.....()
 - d) Sem opinião.....()
44. Os seus amigos reconhecem que é uma boa escolha o facto de frequentar um curso vocacional: Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()
45. Considera que o curso que frequenta lhe dá uma boa formação para entrar no mundo do trabalho:
Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()
46. Considera que na parte técnica tens uma boa preparação para entrar no mundo do trabalho:
Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()
47. Considera que as visitas a empresas/fábricas são importantes para a sua formação no contexto do curso que frequenta:
- a) Muito importante.....()
 - b) Importante.....()
 - c) Pouco Importante.....()
 - d) Nada importante.....()
 - e) Sem opinião.....()
48. Considera que depois de concluir o curso será mais fácil conseguir emprego:
Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
49. Ao concluir este curso vai:
- a) Continuar a Estudar()
 - b) Trabalhar e Estudar.....()
 - c) Só Trabalhar.....()
 - d) Ainda não sei.....()

50. Depois de concluir o curso considera que este lhe vai permitir ter:

- a) Uma vida igual aos teus pais.....()
- b) Uma vida melhor que a dos teus pais.....()
- c) Não vai alterar em nada a minha vida.....()
- d) Ser independente.....()
- e) Sem opinião.....()

51. Pelo fato de frequentar um curso vocacional considera que é socialmente valorizado:

Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()

52. Relativamente aos alunos que concluem estes cursos, a sua integração no mercado de trabalho é:

- a) Mais fácil.....()
- b) Mais difícil()
- c) Igual.....()
- d) Sem opinião.....()

53. Considera que em termos de formação deveria haver uma oferta maior deste tipo de cursos:

- a) Sim.....()
- b) Não.....()
- c) Os que existem são suficientes.....()
- d) Sem opinião.....()

54. Considera importante que os cursos vocacionais existam na escola como formação alternativa:

- a) Muito Importante.....()
- b) Importante.....()
- c) Pouco Importante.....()
- d) Desnecessários.....()
- e) Sem Opinião.....()

55. Aconselharia o curso que frequenta a um amigo?

Sim () Não ()

Obrigado pela sua colaboração.

Fim

APÊNDICE 2

INQUÉRITO AOS DOCENTES DOS CURSOS VOCACIONAIS

O presente inquérito encontra-se integrado num trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em Educação - Especialização em Administração das Organizações Educativas, tendo como objetivo tentar estudar de que forma os cursos vocacionais estão a ser implementados na escola, se estão a corresponder às expetativas dos alunos e o impacto que provoca nas suas vidas. A sua resposta a este questionário constitui um contributo essencial para a realização deste trabalho. O questionário é preenchido de forma anónima e as informações recolhidas serão estritamente confidenciais.

1. Género: M (☐); F (☐)
2. Idade:
 - a) Menos de 25 Anos.....(☐)
 - b) 25 a 35 Anos.....(☐)
 - c) 36 a 45 Anos.....(☐)
 - d) 46 a 50 Anos.....(☐)
 - e) 51 a 60 Anos.....(☐)
 - f) Mais de 60 Anos.....(☐)
3. Habilitações Literárias:
 - a) Bacharelato.....(☐)
 - b) Licenciatura.....(☐)
 - c) Mestrado.....(☐)
 - d) Doutoramento.....(☐)
 - e) Outro _____
4. Há quantos anos leciona:
 - a) < 2 Anos.....(☐)
 - b) 2 a 10 Anos(☐)
 - c) 11 a 15 Anos.....(☐)
 - d) 16 a 20 Anos.....(☐)
 - e) + 20 Anos.....(☐)

5. Qual a sua situação profissional:
- a) Formador.....()
 - b) Contratado.....()
 - c) Contratado Profissionalizado...()
 - d) QZP.....()
 - e) Quadro Escola.....()
6. Há quantos anos leciona cursos vocacionais:
- a) É a 1ª Vez.....()
 - b) 1 Ano.....()
 - c) 2 Anos.....()
 - d) 3 Anos.....()
 - e) 4 Anos.....()
7. Quem mais influenciou os alunos na escolha do curso que frequenta (escolha apenas 3):
- a) Pais.....()
 - b) Amigos.....()
 - c) Professores.....()
 - d) Família.....()
 - e) Orientação vocacional.....()
 - f) Publicidade.....()
 - g) Outra.....()
Qual? _____
8. Na sua opinião o que leva estes alunos a inscreverem-se num curso vocacional.
- a) Para concluir o 9º Ano.....()
 - b) Ser mais fácil obter o 9º ano.....()
 - c) Ser um Curso mais prático.....()
 - d) Curso onde não é preciso estudar.....()
 - e) Curso com futuro.....()
 - f) Ingressar no mundo do trabalho.....()
 - g) Outra () Qual? _____.
9. Na sua opinião a criação dos cursos vocacionais na escola foi para:
- a) Melhorar a vida de alguns alunos.....()
 - b) Para combater o insucesso escolar.....()
 - c) Para diminuir a indisciplina na escola...()
 - d) Outra razão () Qual? _____
10. Considera que o curso tem muitas horas de aulas: Sim () ; Não ()

11. Se a resposta foi **Sim** o curso deveria ser mais:
- a) Teórico.....()
 - b) Prático.....()
 - c) Só prático.....()
 - d) Sem opinião_()
12. Relativamente ao grau de exigência considera que é
- a) Mais exigente.....()
 - b) A mesma do ensino regular.....()
 - c) Menos exigente.....()
13. O relacionamento dos professores com os alunos dos cursos vocacionais, relativamente às turmas regulares é:
- a) Igual.....()
 - b) Melhor.....()
 - c) Pior.....()
 - d) Sem opinião_()
14. Quais os métodos /técnicas que mais privilegia nas suas aulas:
- a) As aulas são só teóricas.....()
 - b) As aulas são só práticas.....()
 - c) Dou a aula prática e só depois dou o fundamento teórico()
 - d) Dou o fundamento teórico durante a aula prática.....()
 - e) Outra () Qual?_____
15. Quais os recursos que mais utiliza na sala de aula:
- a) PowerPoint.....()
 - b) Filmes.....()
 - c) Quadro.....()
 - d) Quadro Interativo.....()
 - e) Suporte em papel.....()
16. No curso, qual o tipo de aulas que os alunos mais gostam:
- a) Aulas Teóricas.....()
 - b) Aulas Práticas.....()
 - c) É Indiferente.....()
 - d) Ambas.....()

17. Qual o tipo de avaliação que mais privilegia na sua disciplina:
- a) Testes Teóricos.....()
 - b) Trabalhos em Grupo.....()
 - c) Trabalhos Práticos.....()
 - d) Teste Teórico + Prova Prática..()
18. Considera o espaço onde o curso funciona adequado? Sim () ; Não ()
19. Considera que a escola tem condições para leccionar este tipo de cursos:
- Sim () ; Não ()
- Se **Não** porquê? _____
20. Considera que a escola está preparada, conseguindo responder à especificidade destes cursos.
- a) Totalmente Preparada.....()
 - b) Razoavelmente Preparada.....()
 - c) Não está Preparada.....()
21. Com estes cursos o insucesso escolar:
- a) Aumentou.....()
 - b) Manteve-se igual.....()
 - c) Diminui.....()
 - d) Sem Opinião.....()
22. Os alunos costumam faltar muito:
- a) Sim.....()
 - b) Não.....()
 - c) De vez em quando.....()
 - d) Só em casos especiais.....()
 - e) Nunca Faltam.....()
23. Os cursos vocacionais lecionados na escola vão ao encontro das expectativas dos alunos.
- Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()
24. Considera que, com estes cursos, a indisciplina na sala de aula:
- a) Aumentou.....()
 - b) Diminui.....()
 - c) Mantém-se.....()

25. Como considera o relacionamento dos alunos destes cursos com os alunos dos outros cursos existentes na escola:
- a) Bom.....()
 - b) Razoável.....()
 - c) Mau.....()
 - d) Sem opinião_()
26. Considera que com a criação destes cursos a indisciplina na escola:
- a) Aumentou.....()
 - b) Diminui.....()
 - c) Mantém-se.....()
 - d) Sem Opinião_()
27. Em termos de formação os cursos vocacionais são uma boa alternativa que a escola oferece?
- Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
28. Considera que os alunos que frequentam os cursos vocacionais estão integrados no ambiente escolar:
- Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
29. Considera que fora da escola os cursos vocacionais são valorizados como uma nova forma de ensino:
- Sim () ; Não () ; Sem opinião ()
30. Considera que fora da escola os cursos vocacionais são reconhecidos como uma forma de obter uma profissão e também uma forma de ficar preparado para entrar no mundo do trabalho:
- a) Bastante reconhecidos.....()
 - b) Pouco reconhecidos.....()
 - c) São uma mais valia para as empresas.....()
 - d) Ainda não há um grande conhecimento destes cursos.....()
 - e) Sem Opinião.....()
31. Considera que a escola fica valorizada ao oferecer cursos vocacionais
- a) Muito Valorizada.....()
 - b) Pouco Valorizada.....()
 - c) Nada Valorizada.....()
 - d) Sem opinião.....()
32. Considera que o curso dá uma boa preparação para o aluno entrar no mundo do trabalho:
- Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()

33. Considera que, na parte técnica, os alunos têm uma boa preparação para entrar no mundo do trabalho:
- Sim (); Não (); Sem Opinião ()
34. Considera que as visitas a empresas/fábricas são importantes para a formação do aluno no contexto do curso que frequenta:
- a) Muito importante.....()
b) Importante.....()
c) Pouco Importante.....()
d) Nada importante.....()
e) Sem opinião.....()
35. Considera que, depois de concluírem o curso, será mais fácil conseguir emprego:
- Sim (); Não (); Sem opinião ()
36. Pelo fato dos alunos frequentarem um curso vocacional considera que são socialmente valorizados:
- Sim (); Não (); Sem Opinião ()
37. Relativamente aos alunos que concluem estes cursos, a sua integração no mercado de trabalho é:
- a) Mais fácil.....()
b) Mais difícil()
c) Igual.....()
d) Sem opinião_()
38. Considera que em termos de formação deveria haver uma oferta maior deste tipo de cursos:
- a) Sim.....()
b) Não.....()
c) Os que existem são suficientes()
d) Sem opinião.....()
39. Considera importante que os cursos vocacionais existam na escola como formação alternativa:
- a) Muito Importante.....()
b) Importante.....()
c) Pouco Importante.....()
d) Desnecessários.....()
e) Sem Opinião.....()
40. Considera que as turmas dos cursos vocacionais têm uma dinâmica diferente das turmas regulares:
- Sim (); Não (); Sem Opinião ()

41. Na preparação das atividades letivas tem em atenção à especificidade da turma /alunos.
Sim (); Não ()
42. Considera que nestes cursos há um acompanhamento mais personalizado do aluno na sua aprendizagem.
Sim (); Não (); Sem Opinião ()
43. Considera que com a criação destes cursos os alunos olham para a escola de forma diferente.
Sim (); Não (); Sem Opinião ()
44. Considera que as aulas dos cursos vocacionais devem ser pedagogicamente idênticas ao de uma turma do ensino regular.
Sim (); Não (); Sem Opinião ()
45. Como considera o grau de satisfação dos alunos no que respeita ao curso.
a) Muito Satisfeito.....()
b) Satisfeito()
c) Pouco Satisfeito()
d) Nada Satisfeito.....()
46. Considera o aluno dos cursos vocacionais com características diferentes dos alunos do curso regular.
a) Muito diferentes.....()
b) Pouco diferentes.....()
c) Não existe diferença..()
47. Considera importante este tipo de cursos nas escolas:
Sim (); Não ();Sem opinião ()
48. Estes cursos permitem á escola gerir melhor os seus recursos humanos, em termos de pessoal docente.
Sim (); Não ();Sem opinião ()
49. Existe interdisciplinaridade entre os cursos vocacionais e os restantes cursos existentes na escola.
Sim (); Não (); Sem opinião ()
50. Considera que os cursos vocacionais são facilitadores da obtenção do 9º ano:
Sim (); Não (); Sem Opinião ()
51. Aconselharia os alunos a frequentar um curso vocacional:
Sim (); Não ()

52. Qual o seu grau de satisfação quanto à lecionação deste tipo de curso:

- a) Muito Boa.....()
- b) Boa()
- c) Razoável.....()
- d) Má()

53. Na sua opinião os docentes que lecionam estes cursos deviam ter algum tipo de formação específica.

Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()

54. Considera que docentes com mais experiência deveriam lecionar este tipo de cursos.

Sim () ; Não () ; Sem Opinião ()

55. Teve alguma experiência pedagógica negativa neste tipo de cursos: Sim () ;

Não ()

56. Se **Sim** a que nível:

- a) Alunos.....()
- b) Pais()
- c) Colegas.....()
- d) Diretor()
- e) Outro.....()

Qual: _____

57. Podendo escolher entre os vários níveis de ensino, escolheria lecionar turmas de cursos vocacionais?

Sim () ; Não () ; Indiferente ()

58. Numa escala de 1 a 5, onde 5 é Excelente e 1 é Mau, que avaliação faria a este tipo de cursos,

1	2	3	4	5
()	()	()	()	()

Obrigado pela sua colaboração.

Fim

APÊNDICE 3

*GUIÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR(A) DE
TURMA/COORDENADOR(A) DE CURSO VOCACIONAL DA ESCOLA /
AGRUPAMENTO*

1. Há quantos anos exerce a função de coordenador de curso vocacional nesta escola/agrupamento?
2. Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o ensino regular e os cursos vocacionais?
3. Como caracterizaria o perfil do aluno destes cursos?
4. Com a introdução destes cursos e o fato destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.
5. Considera que os docentes que lecionam os cursos vocacionais deverão ser professores com mais experiência ou que deverão ter uma formação específica?
6. Considera que há recetividade por parte dos docentes em lecionar este tipo de cursos?
7. Tendo em conta que estes alunos não tiveram sucesso escolar, quer por razões pessoais e também escolares, criaram-se mecanismos quer na organização escolar quer na organização pedagógica visando ultrapassar as possíveis limitações existentes?
8. Após a conclusão dos cursos existe por parte da escola alguma monitorização na atividade desenvolvida por estes jovens?
9. Considera que estes cursos são uma mais-valia para a escola? Porquê?

***Obrigado pela sua
colaboração***

Fim

APÊNDICE 4

GUIÃO DA ENTREVISTA AO DIRETOR(A) DA ESCOLA/AGRUPAMENTO

1. Que cargos diretivos tem ocupado e há quantos anos exerce a função de diretor(a) nesta escola /agrupamento?
2. Qual ou quais as razões que estiveram na criação dos cursos vocacionais nesta escola /agrupamento e de que forma foram seriados?
3. Considera que com a criação destes cursos existe preocupação com o futuro destes jovens?
4. Com a introdução destes cursos e o fato destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.
5. Como caracterizaria o perfil do aluno que frequenta um curso vocacional?
6. Sendo a componente prática uma das grandes diferenças neste tipo de cursos consegue a escola responder a este tipo de especificidade?
7. Considera que estes cursos facilitam a entrada no mercado de trabalho melhorando assim a vida profissional e social destes jovens?
8. Considera que estes cursos são uma mais valia para a escola? Porquê?
9. Considera importante algum aspeto relativo a este tipo de cursos que não tenha sido abordado ao longo desta entrevista?

Obrigado pela sua colaboração

Fim

APÊNDICE 5

GUIÃO DA ENTREVISTA À PSICÓLOGA QUE INTEGRA A EQUIPA PEDAGÓGICA

1. Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o ensino regular e os cursos vocacionais?
2. Que critérios prevalecem no encaminhamento dos alunos para um curso vocacional?
3. Existe um perfil de aluno-tipo para frequentar estes cursos, abstraindo-se do que está regulamentado? Ou seja, como caracterizaria este perfil?
4. Com a introdução destes cursos e o facto destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.
5. Considera que há recetividade por parte dos docentes em lecionar este tipo de cursos?
6. Considera que os docentes que lecionam os cursos vocacionais deverão ser professores com mais experiência ou que deverão ter uma formação específica?
7. Após a conclusão dos cursos existe por parte da escola alguma monitorização na atividade desenvolvida por estes jovens?
8. Considera que estes cursos são uma mais-valia para a escola? Porquê?

Obrigado pela sua colaboração

Fim

APÊNDICE 6

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA AO

COORDENADOR DE CURSO DO AGRUPAMENTO

Questão 1 – Há quantos anos exerce a função de coordenador do curso vocacional neste Agrupamento?

Exerço a três ...é o 3º ano que existem estes cursos neste Agrupamento. O convite foi-me dirigido e eu aceitei desde o início.

Questão 2 – Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o ensino regular e o ensino vocaciona

As diferenças estão por um lado, ao nível do currículo, em que em algumas disciplinas é “construído” para os alunos. É o professor da disciplina, sob a orientação do Coordenador, que faz a planificação das matérias (por módulos), sendo esta uma das grandes diferenças comparativamente ao ensino regular, não existe um programa específico a cumprir. Note-se, no entanto, que existe como base todo o programa das disciplinas da componente geral e específica, do qual são seleccionadas as partes que se considerem mais ajustadas ao perfil dos alunos. As disciplinas da componente vocacional, que podem ser diferentes de escola para escola (e a cada escola que faz a sua gestão) apresentam um currículo específico.

Neste agrupamento atualmente encontra-se a terminar um curso vocacional de dois anos em que as áreas vocacionais são desporto, fotografia, cozinha e restauração. Neste caso particular as disciplinas do ciclo de ensino (disciplinas da componente geral e da componente específica) são divididas por anos, ou seja, os nossos alunos têm no 1º ano História e Geografia e no ano seguinte Ciências Físico-químicas e Ciências Naturais. O intuito desta divisão é permitir a existência de mais “espaço” para as disciplinas vocacionais, permitindo que o curso seja mais prático.

Questão 3 – Como caracteriza o perfil dos alunos destes cursos?

Tendo em conta a minha experiência nestes últimos três anos, é minha opinião que o perfil dos alunos que frequentam este tipo de curso tem vindo a mudar. Inicialmente os alunos vinham para este curso porque queriam. Tinham noção que preferiam um curso de cariz mais prático que lhes permitisse concluir o 9ºano e em simultâneo desenvolver competências para o mercado de trabalho. Ou seja, os alunos ao fazerem a escolha dos cursos vocacionais conseguiam adquirir competências em diferentes áreas (daí as três áreas vocacionais) para

que, terminando o 3º ciclo e chegados ao 10º ano pudessem escolher qualquer área dos cursos profissionais.

Neste último curso parece-me que o perfil dos alunos mudou. Chegam completamente desmotivados para a escola, para a aprendizagem. São alunos sem qualquer tipo de objetivo seja para estudar ou para trabalhar. Não fazem ideia do que querem fazer no futuro...não têm expectativas nenhuma. Não têm qualquer interesse pelas disciplinas do curso nem sequer pelas áreas vocacionais do curso. Por isso é que por muitas estratégias de motivação que sejam utilizadas pelos professores o resultado nunca é o que desejamos. Isto não se verificou com os alunos dos cursos anteriores. Tínhamos alunos muito interessados particularmente nas áreas vocacionais.

-Pensa que este ano terá falhado o processo de seleção?

Sima seleção dos alunos não me parece que tinha sido feita tendo por base critérios de preferências dos alunos. Foi realizada apenas tendo por base critérios legais, que validam a entrada deles no curso mas que efetivamente não consideram as suas preferências.

Questão 4 – Com a introdução destes cursos e o fato destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.

Infelizmente não consigo responder afirmativamente. Eu acho que não melhoraram os problemas de comportamento. A única coisa que eu acho que melhorou mas, na minha opinião ficticiamente, foi o sucesso escolar. Eu digo ficticiamente porque a planificação é ajustada de acordo com as avaliações diagnóstico e formativa que vai sendo feita. Claro, que não nos podemos esquecer que estes alunos tem que adquirir um conjunto de competências mínimas uma vez que, caso queiram, estes alunos podem realizar os exames nacionais de Português e Matemática. Esta via de ensino pretende ser uma via de combate ao insucesso escolar e esse objetivo tem vindo a ser conseguido, mas também por imposição normativa. A legislação quase que nos “empurra” para isso com sucessivas recuperações de aprendizagem até que o aluno obtenha sucesso.

A nível comportamental, estes alunos possuem características sociais e familiares que se afastam do grosso dos alunos. Vêm de contextos familiares complicados, de meios socioeconómicos desfavorecidos que obviamente se transpõem para a escola. Existem turmas com muitos conflitos, discussões e até mesmo indisciplina.

São alunos que apresentam problemas de assiduidade que os impede muitas vezes de ter sucesso. Claro que este aspeto da falta de assiduidade também é combatido recorrendo a planos de recuperação.

Questão 5 –Considera que os docentes que lecionam os cursos vocacionais deverão ser professores com mais experiência ou deverão ter formação específica?

Nem sempre a experiência significa mais disponibilidade anímica para lecionar estes cursos. Na minha opinião, não é facto dos professores serem mais ou menos experientes que faz com que estejam mais ou menos preparados para estes alunos. A solução, na minha opinião, seria os professores terem mais horas não letivas atribuídas para puderem preparar melhor as suas aulas que nestes cursos são extremamente desgastantes e com inúmeras estratégias. Os professores precisam de mais tempo para puderem reunir entre si, em equipas pedagógicas, para definir estratégias de superação dos problemas destes alunos. Isto é extremamente importante mas não há tempo! Resumindo devia a carga horária dos professores ser reduzida para que reservassem tempo para estas questões.

Questão 6 – Considera que há receptividade por parte dos docentes para lecionar este tipo de cursos?

Eu acho que cada vez menos. Os professores que lecionam estes cursos ao fim de um ano estão exaustos! Isto deve-se aos motivos que já referi anteriormente...os alunos estão realmente diferentes, o perfil tem vindo a alterar-se. Como já referi os alunos estão muito menos motivados atualmente. Eu neste momento tenho saudades dos alunos que tive no primeiro ano em que lecionei estes cursos

- Significa que a sua relação com os alunos atualmente é mais distante?

Curiosamente, neste momento eu já devia ter conseguido uma relação de proximidade com estes alunos, mas ainda não consegui. Sei isto por comparação. Vou explicar: nesta altura do ano preparamos, todos os anos, o corta-mato. Se dantes eu tinha alunos extremamente motivados com esta atividade (que é da área vocacional de desporto) atualmente o empenho/curiosidade dos meus alunos é nulo ou quase nulo! A proximidade professor /aluno que se cria com as atividades é quase impossível com estes alunos. Mais, a maioria destes alunos nem sequer gosta de desporto ...e agora pergunto eu como é que se consegue criar empatia com os alunos quando estes estão numa área vocacional que não gostam?

Para ajudar a turma tem 24 alunos e no caso do Desporto não é possível fazer desdobramento. São muitos alunos para criar estratégias de motivação. Acresce aqui o facto

de que tenho que estar constantemente a perguntar por justificações de faltas, a dar resposta a participações ou faltas disciplinares..... neste curso já decorreram 3 processos disciplinares.. os alunos (pelo menos alguns) estão claramente desajustados do curso. E volto ao problema do encaminhamento...os alunos não podem ser encaminhados pela idade, nº de retenções ou pelo mau comportamento. Isso só não é suficiente! A legislação afirma que os alunos devem ser entrevistados pelo Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) mas na minha ótica deveria ser uma equipa multidisciplinar . Claro que o SPO deve estar presente mas também deveriam estar presentes o Diretor de Curso e alguém da área de alunos da Direção, que conheça bem o ambiente escolar e que ajude a identificar as características dos alunos. Aqui acho importante o Diretor de curso ser uma pessoa com experiência. Uma equipa assim constituída faria com certeza uma melhor seleção dos alunos.

Questão 7 –Tendo em conta que estes alunos não obtiveram sucesso escolar, quer por razões pessoais e também escolares, criaram-se mecanismos quer na organização escolar quer na organização pedagógica visando ultrapassar as possíveis limitações existentes?

Nos cursos vocacionais o currículo é adaptado, as planificações são reajustadas ao longo do ano não esquecendo, como já afirmei atrás, o currículo base das disciplinas. Portanto, pelo menos estas adaptações funcionam, como forma de ultrapassar as limitações existentes.

Questão 8 – Após a conclusão dos cursos existe por parte da escola alguma monitorização na atividade desenvolvida por estes jovens?

Existe uma monitorização por parte da Direção. O Diretor sabe em que as escolas estes alunos se inscrevem e tenta com que todos arranjem colocação

Questão 9 – Considera que estes cursos são uma mais-valia para escola? Porquê?

Já considerei. Neste momento e para a escola não sei se será ...para alguns alunos são de certeza já que lhes permite terminar o 3º ciclo. Para a escola não sei que benefício traz.

MUITO OBRIGADA

APÊNDICE 7

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA AO DIRETOR DO AGRUPAMENTO

Questão 1 – Que cargos diretivos tem ocupado e há quantos anos exerce a função de diretor neste Agrupamento?

Já ocupei diferentes cargos diretivos em Conselhos Diretivos, em Comissões Instaladoras... tenho uma vasta experiência neste tipo de cargo. Estive como Diretor desta escola secundária três anos e após a constituição do agrupamento estou como diretor também há três anos

Questão 2 – Qual ou quais as razões que estiveram na criação dos cursos vocacionais neste agrupamento e de que forma foram seriados?

Para dar uma resposta ao Ministério da Educação (ME). Tínhamos um conjunto de alunos com bastantes retenções e, de acordo com as diretivas do ME, tentámos dar essa resposta aos alunos. As áreas vocacionais da oferecemos foram escolhidas de acordo com os recursos humanos que tínhamos disponíveis...tínhamos alguma disponibilidade de recursos humanos e escolhemos as áreas vocacionais de acordo com essa disponibilidade.

Questão 3 – Considera que com a criação destes cursos existe a preocupação com o futuro destes jovens?

Eu acho que quando o ME avançou com essa proposta tinha essa preocupação... com o futuro destes alunos. Era uma solução que o ME tinha para resolver um “problema”. Eu pelo menos quero acreditar que seria assim... embora também ache que não é a melhor forma de resolver este problema.

Questão 4 – Com a introdução destes cursos e o fato destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.

Não, pelo contrário. Nós juntamos todos os alunos problemáticos numa ou duas turmas e é evidente que o ambiente escolar acaba por se degradar. São alunos mais difíceis, com muitas retenções, com idades que já não se enquadram na idade dos alunos que frequentam aquele ano de escolaridade. São alunos sem grandes expectativas de vida...em termos de indisciplina na escola ela aumentou consideravelmente com a criação destas turmas e é evidente que com isto o ambiente escolar se degradou.

Questão 5 – Como caracteriza o perfil do aluno que frequenta um curso vocacional?

É um miúdo que não tem, de uma maneira geral, uma vocação definida (não quero com isto dizer que os alunos do ensino regular a têm!).Acho-os demasiado novos para escolherem a

sua vocação e estão muito pouco motivados. Alguns provêm de famílias disfuncionais o que só por si já acarreta muitos problemas. Basicamente, são alunos que estão aqui porque têm que estar, porque de outra forma estariam a fazer outra coisa qualquer. Muitos deles estariam provavelmente a trabalhar, não a menor dúvida sobre isso!

Questão 6 – Sendo a componente prática uma das grandes diferenças neste tipo de cursos consegue a escola responder a este tipo de especificidade?

A escola consegue... a escola tem dado uma resposta muito positivatem vários parceiros o que lhe permite dar essa resposta. E na minha opinião é uma boa resposta!

Questão 7 – Considera que estes cursos facilitam a entrada no mercado do trabalho melhorando assim a vida profissional e social destes jovens?

Não acredito muito nisso...Admito que numa situação ou noutra possa acontecer mas estes alunos são muito problemáticos e que tinham que ser muito “trabalhados”. Muitos deles não apresentam um perfil que lhes permita ingressar com facilidade no mundo do trabalho. Para isso acontecer a formação, a maneira de ser, a maneira de estar são áreas do saber que tinham que ser muito trabalhadas.

Questão 8 – Considera que estes cursos são uma mais-valia para a escola? Porquê?

Não, não são de todo! Nem para a escola nem para os próprios miúdos! Como o desenho curricular destes cursos foi construído... Não considero.

O que se nota é que como juntámos estes alunos mais problemáticos nestas turmas especiais, é verdade que nas outras turmas conseguimos melhores resultados, quer a nível de comportamento quer a nível de aproveitamento. Nesse aspeto há uma mais-valia pois estes alunos ao saírem das turmas do ensino regular e ao ingressarem nesta oferta formativa libertam as outras turmas de um conjunto de problemas. Nesse aspeto é positivo. Estou até convencido que o sucesso obtido pelos nossos (do Agrupamento) alunos do 9ºano, em que ocorreu nenhuma retenção, se deve em parte à criação destes cursos.

- Vê os cursos vocacionais como uma forma de combater o insucesso escolar?

Fazendo o balanço destes últimos anos podemos considerar que foi um combate ao Insucesso Escolar, até porque os nossos alunos (do Agrupamento) dos cursos vocacionais acabaram por terminar o 9º ano e encontram-se todos integrados em escolas profissionais portanto, integrados no sistema de ensino. As “coisas” aqui até correram bem! Mas tenho muitas dúvidas que esta seja a melhor opção. Entre os cursos vocacionais e os cursos de educação e formação (CEF), prefiro os CEF... Também com um desenho curricular reformulado, com uma componente prática mais forte e sempre desenvolvida em empresas.

Questão 9 – Considera importante algum aspeto relativo a este tipo de curso que não tenha sido referido ao longo da entrevista?

Não sei....

- Por exemplo, como é que a escola monitoriza o percurso destes alunos à saída?

No caso concreto do nosso Agrupamento, foi a Direção que tentou integrar estes alunos no 10º ano. Uma vez que os nossos cursos profissionais já se encontravam cheios tentamos junto com a Secretaria integrar estes alunos. Embora a lei não seja explícita relativamente a este tipo de obrigação eu acho que compete à Direção arranjar solução para integrar estes alunos. Nós contactamos as diferentes escolas e conseguimos colocar todos os nossos alunos ...quer no ensino regular quer em escolas profissionais.

MUITO OBRIGADA

APÊNDICE 8

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA À PSICOLOGA DO AGRUPAMENTO

Questão 1 – Na sua opinião, quais as principais diferenças entre o ensino regular e os cursos vocacionais?

No ensino regular os alunos são sujeitos a uma carga horária mais teórica com disciplinas sem formação profissionalizante. No ensino vocacional existe uma componente profissionalizante com disciplinas mais práticas, com estágios etc.. Ainda assim acho que possuem uma carga horária teórica muito extensa

Questão 2 – Que critérios prevalecem no encaminhamento dos alunos para um curso vocacional?

Eu fazia um levantamento dos alunos que se podiam enquadrar no perfil, com a idade e o número de retenções. Depois, junto dos Diretores de Turma pedia para sinalizarem alguns que achassem que tinham perfil para um ensino mais prático. Depois fazia a entrevista aos alunos em que explicava em que consistia cada um dos cursos, como funcionava e o porquê de estar a falar com eles. Depois de ter estes elementos tentava averiguar qual(ais) se integravam melhor nas ofertas existentes. Havia ainda uma reunião com os pais para explicar o que eram estes cursos.

Questão 3 – Existe um perfil de aluno-tipo para frequentar estes cursos, abstraindo-se do que está regulamentado? Ou seja, como caracteriza este perfil?

Existe um perfil na lei, mas depois... o que eu acho que está errado e que depois faz com que estas turmas sejam complicadas, é que existe uma tendência dos professores, que alunos que têm insucesso por mau comportamento devam ser direcionados para estes cursos e não deve ser assim. É necessário fazer turmas minimamente equilibradas em termos comportamentais, senão o resultado pode ser desastroso. Depois para os alunos com dificuldades de aprendizagem, que dadas estas dificuldades não conseguem acompanhar o ensino regular (não é por falta de vontade mas porque efetivamente têm dificuldades) podiam os cursos vocacionais ser a resposta mas muitas vezes não são porque as turmas tem estes alunos com comportamentos desadequados e que dificultam a sua aprendizagem. Para os alunos com dificuldades de aprendizagem os cursos vocacionais poderiam ser a resposta ideal se não houvesse esta tendência.

Questão 4 – Com a introdução destes cursos e o fato destes alunos terem saído das turmas regulares considera que houve uma diminuição de problemas, melhorando deste modo o ambiente escolar? Se sim, enuncie alguns desses problemas.

Acho que sim e que não. Ou seja, acho que sim porque muitas turmas do regular resolveram alguns dos seus problemas disciplinares, porque os alunos mais problemáticos são encaminhados para os cursos vocacionais. Não tenho a mínima dúvida que, no caso do nosso agrupamento, os resultados do 9º ano melhoraram por este motivo. Existem no entanto, outros aspetos que correram menos bem. A maior parte das vezes já não é possível compor turmas para os cursos vocacionais apenas com os alunos que selecionamos. Temos que as “completar” com outros alunos. Este aspeto condiciona o tipo de turma pois já não resulta de uma seleção.... Temos colocar os alunos onde há vaga. Existe assim outro fator importante que se prende com o tamanho das turmas, quer para as compor quer para à posteriori trabalhar com elas. Vinte alunos é demasiado neste tipo de ensino. As turmas deviam ser o mais pequenas possível!

- Mas acha que são uma via de combate ao insucesso? Acho, consideremos uma via ou outra, ou seja, ou porque estes alunos já não estão no regular o que aumenta o sucesso das turmas do regular ou porque dadas as características do ensino vocacional, mais prático e com um currículo menos extenso, os alunos mesmo com dificuldades acabam por ter sucesso podemos considerar que o insucesso diminui

Questão 5 – Considera que há recetividade por parte dos docentes para lecionar este tipo de curso?

Não, não existe porque as turmas são difíceis! É todo o conjunto quando é possível selecionar os alunos e fazer uma turma equilibrada...se não tal acontece a turma torna-se difícil, logo ninguém a quer. Voltamos à questão da seleção, por ex., ei sei determinado aluno podia ser inserido num das turmas do ensino vocacional mas também sei que se ele for para lá vai prejudicar o resto da turma, por não deve ir. Neste processo não pode haver compaixão, temos que ter presente que o objetivo é que o maior número de alunos conclua o 9ºano.

Questão 6 – Considera que os docentes que lecionam os cursos vocacionais deverão ser professores com mais experiência ou que deverão ter uma formação específica?

Considero apenas que os professores que lecionam estes cursos devem ser “convidados” a fazê-lo e não aparecer-lhes no horário. Este para mim é o 1º ponto. Depois devem ser pessoas que a escola conhece e lhe reconhece capacidade para lidar com este tipo de aluno e nunca um colega que vem preencher um horário. Para mim isto é um erro crasso! Os professores têm que ser todos selecionados à partida; é esse núcleo que tem que ter um mínimo de vontade. Querer acho que ninguém quer!!!

Questão 7 –Após a conclusão dos cursos existe por parte da escola alguma monitorização na atividade desenvolvida por estes jovens?

Da minha parte não. Ao fim de um ano ou dois perco completamente o rasto a este alunos. Alguns no ano a seguir ainda vêm cá dizer...mas depois não.

Questão 8 – Considera que estes cursos são uma mais-valia para a escola? Porquê?

Não sei.... Alguns aspetos têm que ser repensados, nomeadamente o número de alunos, a seleção do corpo docente, as turmas deixarem de ser vistas como uma forma de “despachar” os alunos com mal comportamento. A postura que existe de que o ensino Vocacional existe para “limpar” o regular tem que ser posta de lado.

MUITO OBRIGADA